



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

José Paulo de Carvalho Pereira

**O PROFESSOR DE EMRC VISTO PELOS PARES DO
EXTERNATO MARISTA DE LISBOA**

**[Contributos para a compreensão do papel do
professor de Educação Moral e Religiosa Católica]**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

sob a orientação de:

Professor Doutor José Reis Lagarto

Mestre Juan Francisco Ambrosio

Lisboa

2015

Índice

Introdução	3
1-Objetivos	9
2-Enquadramento Teórico	12
2.1-A disciplina de EMRC	17
2.2-O professor de EMRC	27
3-Prática Letiva	34
4-A Investigação	40
4.1-Tipo de estudo	40
4.2-Métodos de recolha de dados	41
4.3-Tratamento e análise de dados	44
4.4-População e Amostra	45
5-Análise dos Resultados	46
6-Conclusão e considerações finais	69
Bibliografia	72
Anexos	76
Questionário	77
Respostas ao Questionário	88
Respostas ao Questionário - Questões Abertas	107

Senhor,
concede-me a graça de lutar,
não tanto para ser chamado professor
mas para o ser;
não tanto para falar de Ti
mas para Te revelar;
não tanto para me referir ao amor
e ao serviço humano,
mas para possuir o espírito
do amor e do serviço;
não tanto para me referir
aos ideais de Jesus
mas para os revelar
em cada ato do meu ensino.

Wallace Grant Fisk¹

¹ Professor de Filosofia e Teologia, citado por J. BERGOGLIO (Papa Francisco), *Educar: escolher a vida, testemunhar a verdade*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2015, 40.

Introdução

A sociedade onde hoje nos integramos deixou de ser uma sociedade cristianizada. A secularização, a modernidade e a laicização do Estado privatizaram o fenómeno religioso, obrigando-o a abandonar territórios que lhe tinham pertencido. Durante gerações, o espaço familiar, o espaço escolar, o espaço público, foram territórios onde a linguagem usada era a da fé cristã.

“Ao contrário do que sucedia em tempos passados, negar Deus ou a religião, ou prescindir deles já não é um facto individual e insólito: hoje, com efeito, isso é muitas vezes apresentado como exigência do progresso científico ou dum novo tipo de humanismo. Em muitas regiões, tudo isto não é apenas afirmado no meio filosófico, mas invade em larga escala a literatura, a arte, a interpretação das ciências do homem e da história e até as próprias leis civis; o que provoca a desorientação de muitos.”²

Com efeito, o fenómeno da secularização (a que o papa Bento XVI chamou “ditadura do relativismo”³ ou “estranho esquecimento de Deus”⁴ e o papa S. João Paulo II apelidou de “apostasia silenciosa”⁵), o desaparecimento da função integradora da religião na sociedade (com a conseqüente perda de influência da Igreja no âmbito social) e a inércia das Igrejas (com a institucionalização de uma pastoral de manutenção, a que não é alheio o enfraquecimento das práticas religiosas dos batizados), levaram a um rápido e preocupante

² CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (*Gaudium et Spes*), Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998, 7.

³ J. RATZINGER (Cardeal Decano do Colégio Cardinalício), “Santa Missa *«pro elegendo romano pontifice»* na Basílica de S. Pedro no Vaticano), in http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html, (acedido em 29 de julho de 2015).

⁴ BENTO XVI, “XX Jornada Mundial da Juventude-Santa Missa na esplanada de Marienfeld, Alemanha”, in http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050821_20th-world-youth-day.html (acedido em 29 de julho de 2015).

apagamento das normas éticas e morais cristãs na consciência dos crentes, estendendo-se este apagamento rapidamente a toda a sociedade.

Este fenómeno de descristianização “manifesta-se no próprio seio da Igreja. Desnaturaliza, desde dentro e em profundidade, a fé cristã e, em consequência, o estilo de vida e o comportamento diário dos crentes”.⁶

O homem dos nossos dias tanto se entrega a uma irreligiosidade consciente como busca as novas modas de interioridade ou os sucedâneos de religiosidade. De qualquer dos modos, deprecia as formas tradicionais do fenómeno religioso e afasta-se das práticas tradicionais religiosas, procurando, contudo, aprender novas formas e meios de concentração e de oração.

O ensino religioso vê-se preso por preconceitos laicistas, de cariz político/cultural, herdados da conjuntura política saída da revolução de 1974, que, com a sua deriva marxista, pretendeu descristianizar todo o tecido social, nomeadamente através da tentativa de acabar com o ensino da moral e religião católicas nas escolas públicas, quadro que de algum modo ainda se mantém, passados mais de quarenta anos da implantação do regime democrático. No entanto, outros desafios se põem, hoje, à escola em geral e ao ensino da Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC)⁷, em particular.

Com efeito, o espaço escolar é hoje palco de muitos problemas e dificuldades. O relacionamento humano tem-se deteriorado. Os conflitos tornam-se mais frequentes. A indisciplina e a permissividade aumentam. O relativismo moral e a ausência de referências éticas mostram efeitos negativos. Na escola desaguam os problemas da sociedade, da família

⁵ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, (*Ecclesia in Europa*),9, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.html, (acedido em 30 de julho de 2015)

⁶ BENTO XVI, *Discurso na Assembleia Plenária* do Pontifício Conselho para a Cultura em 2008, Vaticano, in <http://www.zenit.org/pt/articles/bento-xvi-e-o-desafio-da-secularizacao> (acedido em 5 de outubro de 2014).

⁷ A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica será referenciada neste trabalho pela sigla EMRC.

e do individuo. Os alunos, mas também os demais atores do processo educativo, trazem para o espaço escolar as suas alegrias, as suas tristezas, as suas angústias, os seus anseios. Acolher estes estados de alma tornou-se uma das principais razões da existência da instituição-escola.

É premente que a comunidade escolar se configure como uma comunidade, como uma família, feita de pessoas, com gostos e feitios diferenciados, vindas de todas as partes, mas unidas nos valores essenciais da convivência e da concórdia, onde cada um, no seu todo, se sinta confortado e realizado e onde se possa concretizar a ideia de uma sociedade mais fraterna e mais justa. Afinal o homem é, “por exigência profunda da sua natureza, um ser social e não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem relação com os outros.”⁸ Para além de um espaço de instrução, de um espaço lúdico, a escola precisa de ser, cada vez mais, um espaço de integração plena, revelando-se um espaço de tolerância e de aceitação do outro. “Deus fez o homem à Sua imagem e semelhança para que, ao ver o outro, note que há algo de Deus nele, e que Deus não está só em um, Deus distribuiu-se entre todos os homens.”⁹

Este é o tempo em que os alunos frequentam a escola sem um objetivo definido. Talvez estejamos a viver um tempo que Adriano Moreira apelidou de “utopia como imaginação do futuro e nostalgia como imaginação do passado”.¹⁰

A escola para todos, paradigma das democracias dos nossos tempos, não está a ser, infeliz e paradoxalmente, uma escola de todos. Os nossos jovens, mais que motivação, procuram cada vez mais desesperadamente uma razão para ir à escola. Todos reconhecemos que um projeto de vida, ou, pelo menos, um significado e um sentido para a vida, é essencial para o crescimento saudável dos jovens. É dever da escola dar este significado e este sentido aos jovens que frequentam o sistema educativo.

⁸ *Gaudium et Spes*, 12.

⁹ Skorka, in J. BERGOGLIO; A. SKORKA; M. FIGUEIROA, “A Dignidade”, in *Coleção Diálogos de fé*, Saraiva Editores, S. Paulo, 2014, 45.

¹⁰ A. MOREIRA, “O Mundo e os Desafios da Educação”, in FORUM DO ENSINO RELIGIOSO ESCOLAR, *Pessoa cultura fé*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, 25.

A vida na escola deveria pautar-se por momentos de ajuda espiritual que levassem ao crescimento harmonioso dos alunos. O currículo deveria estar, e isso raramente acontece, virado para os valores da cidadania, da humanidade e da procura de caminhos de felicidade. Neste contexto social, a disciplina de EMRC, através dos seus professores, pode ser uma ajuda importante para educar no humanismo e nos valores da cidadania e para edificar uma civilização mais solidária e mais pacífica.

Esta é, no nosso ponto de vista, a mais difícil, mas ao mesmo tempo, estimulante tarefa, que espera quem fez, faz e pretende fazer da escola e do ensino a sua profissão e, tantas vezes, o seu projeto de vida, enquanto docente de EMRC.

Façamos então a pergunta: no contexto atual o que é ser professor? Uma profissão? Uma vocação? É um trabalho, uma tarefa, igual a tantas outras? E, com as suas especificidades, o que é, hoje, ser professor de Educação Moral e Religiosa Católica?

Neste relatório da Prática de Ensino Supervisionada, feito no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, no Externato Marista de Lisboa (instituição de ensino, privada e católica), na procura de respostas para as perguntas que fazemos acima, escolhemos como tema “O professor de EMRC visto pelos pares: um contributo para a compreensão do papel do professor de Educação Moral e Religiosa Católica, no Externato Marista de Lisboa”.

Procuraremos, baseados nos resultados do inquérito/questionário, que propomos realizar, perceber de que modo os nossos pares avaliam aquilo que fazemos e a diferença que a nossa presença faz, ou não faz, no espaço escolar que partilhamos.

Procuraremos fazer eco, no decorrer deste trabalho, das ideias e das opiniões do magistério da igreja, mas também de outros autores, que, na nossa opinião, têm dado um contributo importante para o tema do nosso trabalho e que nos servirão de suporte para a sua execução.

O nosso trabalho desenvolver-se-á, tendo como base o programa de EMRC de 2007, embora em 2015 tenha surgido uma nova versão deste programa. Contudo, como parte do nosso trabalho foi realizado antes do aparecimento desta versão, optámos por seguir a versão de 2007.

Em termos formais, o nosso trabalho está dividido em seis capítulos (mais introdução, bibliografia e anexos), alguns deles, por razões de metodologia, divididos em subcapítulos. Os capítulos quatro e cinco são essencialmente técnicos.

No primeiro capítulo elencamos os objetivos a que nos propomos responder no nosso trabalho.

No segundo capítulo, enquadrámos teoricamente o nosso trabalho. Procuraremos introduzir e explanar os conceitos de ensino religioso escolar, disciplina e professor de EMRC.

No terceiro capítulo faremos um balanço daquela que foi a nossa prática letiva, no Externato Marista de Lisboa, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, uma das peças, a par deste trabalho, do Mestrado em Ciências Religiosas, na variante de Ensino em EMRC.

No quarto capítulo fazemos uma abordagem técnica do estudo. Explicaremos, ainda que de modo sucinto, a escolha que fizemos sobre o tipo de estudo, tipificando-o; abordaremos os métodos de recolha de dados e seu tratamento. Finalmente tipificaremos a população e a amostra que serviu de base ao nosso trabalho.

No quinto capítulo faremos a análise dos resultados, socorrendo-nos dos dados a que o estudo nos permitiu ter acesso. Faremos uso de instrumentos gráficos (tabelas, gráficos) que permitirão, de um modo mais acessível e apelativo, fazer uma leitura dos resultados do estudo.

No sexto capítulo procuraremos fazer uma síntese das conclusões do nosso trabalho, procurando, também, ir um pouco mais além, no sentido de incorporar na nossa futura prática letiva, as conclusões deste trabalho, como uma contribuição para a melhoria do nosso

desempenho docente, nomeadamente na compreensão do papel do professor de EMC junto de toda a comunidade escolar.

Em anexo, apresentaremos o questionário, método de recolha de dados que escolhemos para servir de base ao nosso estudo, as respostas recebidas e, finalmente,

Por fim agradecemos a todos, e foram muitos, os que nos ajudaram na realização deste trabalho, desde os nossos pares do Externato Marista de Lisboa que gentilmente responderam ao nosso questionário, ao Professor Cooperante, aos Orientadores da Prática de Ensino Supervisionado, aos restantes professores, aos amigos e à família.

E a Nossa Senhora, de quem somos profundos devotos, que nos tem acompanhado e protegido, em todos os momentos das nossas vidas.

1-Objetivos

Com base na sua especificidade, pretende-se conhecer e avaliar qual o olhar dos docentes em geral sobre o docente de EMRC. Saber se identificam singularidades nesse docente e, se sim, quais são.

Neste sentido, faremos, através de um questionário/inquérito online, o estudo das relações (no Externato Marista de Lisboa) entre o corpo docente e o(s) docente(s) de EMRC, sempre enquadrado nos quadros legislativos específicos dos docentes e da disciplina, nomeadamente no que diz respeito ao perfil, identidade e estatuto do docente desta disciplina curricular.

Pretende-se, ainda, proporcionar às estruturas hierárquicas da igreja, responsáveis pelo ensino religioso, e às estruturas de formação de professores de EMRC, informação acerca da maneira como uma escola (pelo menos, numa das suas partes) vê o papel do professor de EMRC.

Propusemos ao conjunto dos docentes que respondessem a um questionário/inquérito (a escolha da versão online, deveu-se a razões organizativas e operativas), visando a compreensão do papel do professor e a visão que dele têm os pares. Introduzimos um conjunto de questões sobre o contributo da disciplina considerando que o modo como a disciplina é vista é, não raras vezes, determinante para a compreensão do papel do professor.

Com efeito, o maior ou menor dinamismo do professor sugere diferentes visões acerca da disciplina e o seu conseqüente reconhecimento, tal como a compreensão do papel e dos contributos da disciplina impulsiona ou condiciona, de diversos modos, a participação/envolvimento do professor na vida da escola. Seja como for, assim o entendemos, o desempenho profissional do professor de EMRC alia profissão e vocação ou missão, como um serviço (muito peculiar) que presta à Igreja.

Sobre o contributo da disciplina, pretendemos saber se, na sua essência, a dimensão religiosa e o cariz confessional que a configuram são compreendidos como uma verdadeira proposta pedagógica que alia a componente informativa (com conteúdos objectivos como são os dados, a história, as teorias, os saberes, ainda que de cariz religiosos, mas apenas transmitidos sob o ponto de vista filosófico e de transmissão puramente cultural¹¹) à componente vivencial (com conteúdos subjectivos, girando em torno dos valores como o da beleza, do amor, do compromisso, da transcendência ou da religião, vista aqui como experiência auto-implicativa de transcendência e de salvação¹²), favorecendo, assim, a necessária educação integral propícia a transformar a mente, o olhar e o coração.

Visto que o ato educativo religioso e moral se efetiva na estreita relação entre o que a disciplina transmite e a forma como transmite, pretendemos aferir qual das dimensões se afigura como mais relevante para a compreensão da disciplina e se tal se reflete no papel desempenhado pelo professor.

Cientes de que não é possível obter a visão sobre o contributo do professor de EMRC sem ter em conta o contributo da própria disciplina, consideramos igualmente oportuno analisar, entre outras dimensões de análise, a visão sobre os aspetos que influenciam a escolha da disciplina, assim como o nível e o tipo de conhecimento dos assuntos abordados na disciplina.

Do que nos é possível averiguar em contexto de prática pedagógica, um número significativo de professores desconhece total ou parcialmente os assuntos abordados na disciplina. Deste modo, a sua visão da disciplina tende a ser desajustada. Ao introduzir uma questão alusiva ao conhecimento dos conteúdos, interessa não só compreender qual o grau de

¹¹ Cf. P. PONS, *Pedagogía de la Fe*, Ediciones San Pio X, 1998, 196.

¹² Cf. *Ibidem*.

conhecimento dos assuntos, em que ciclo de ensino se verifica um maior (des)conhecimento e a eventualidade de existir diálogo com o professor acerca desses mesmos temas.

Sobre o papel ou missão do professor de EMRC propomos compreender como os pares percebem e enquadram o contributo para o respetivo projeto educativo e que dimensões acentuam ou consideram mais relevantes. Esta perceção é tanto mais importante quanto os aspetos referenciados podem comportar visões desajustadas da própria disciplina. Será, pois, oportuno situar o papel do professor em função da essência da própria disciplina e da sua componente confessional, mas ter simultaneamente a perceção de qual das componentes são valorizadas pelos pares como sendo essenciais no seu contributo para o projeto educativo e na sua proposta pedagógica. Essa mesma visão é passível de enquadrar aquilo que é percebido como distintivo num professor de EMRC ou a caracterização do respetivo perfil profissional.

2-Enquadramento Teórico

A escola tem que ser, forçosamente, um lugar de bem-estar, de sã e efetiva aprendizagem, onde a cada um seja proporcionado não o possível, mas o adequado.

A escola para todos, não é a escola de todos. Um número elevado dos nossos alunos, fazem da escola um espaço de conflito, de clivagem social, de frustração pessoal. A escola, ao receber todos, não tem recursos, nem capacidade, nem muitas vezes vontade, de cuidar de todos. A escola inclusiva acaba muitas vezes por excluir. Para além de formar o homem, a educação deve, sobretudo, formar o cidadão.

“Face aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social, [...], como uma via que conduza ao desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões.”¹³

A finalidade cívica da educação passa, claramente, a primeiro plano. A ideia, originariamente grega, de que a educação é a preparação para a cidadania, permanece, nos nossos dias, com plena atualidade. Neste sentido a escola deve ser “semente, no sentido da palavra evangélica, de um mundo novo, transfigurado”.¹⁴

A educação não pode ser uma simples transmissão de saberes, deve ser concebida como “contributo ao processo de personalização do aluno. Nesta perspectiva, a educação e, por conseguinte, a escola, deve estar atenta a todas as dimensões constitutivas da pessoa.”¹⁵

¹³ Relatório para a UNESCO in COMISSÃO INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI, *Educação um tesouro a descobrir*, Edições ASA, 1996.

¹⁴ J. BERGOGLIO, (Papa Francisco), *Educar: para uma esperança ativa*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2015, 21.

¹⁵ J. AMBRÓSIO, “A educação moral e religiosa católica na escola pública” in *Communio*, 5, (2001), 443.

Na escola toca-se “o futuro” e isso obriga a uma responsabilidade, que deve ser assumida em pleno por todos os seus intervenientes, assente na clarificação e assunção dos valores e no apoio à construção de uma visão global do mundo. A escola não poderá refugiar-se em estruturas, que justificando a sua existência com a importância dos seus saberes, não se preocupam com a construção holística do conhecimento, transformando-se em máquinas complexas, que afastam as famílias e a comunidade e não servem a sua verdadeira finalidade.

É também da sociedade, no seu todo, a responsabilidade de superar os constrangimentos que a escola enfrenta:

“De um modo geral a nossa sociedade tem dificuldades em educar, porque durante muito tempo se sentiu recompensada pelo bem-estar atingido e pelo desenvolvimento conseguido; porque se considerou autónoma em relação às suas raízes e aos seus valores mais altos. É, pois, necessário que a sociedade no seu conjunto, sobretudo num contexto em que a educação é sempre mais concebida como transmissão de saberes destinados a um desenvolvimento exclusivamente técnico, comece a conceber-se como uma comunidade que educa, que forma pessoas e as acompanha na vida.”¹⁶

A escola, a par de outras instituições, enfrenta hoje desafios profundos e complexos. Pretende-se que a escola seja hoje uma instituição “total”. Pede-se que as escolas sejam:

“instituições onde se ensaiem novas formas de relação, novos caminhos de fraternidade, um novo respeito ao inédito de cada ser humano, uma maior abertura e sinceridade, um ambiente laboral marcado pela colaboração, pela justiça e pela valorização de cada um, onde fiquem de fora relações de manipulação, rivalidade, manobras *de bastidores*, autoritarismos e favoritismos interessados”¹⁷

Para além da função clássica de local de aprendizagem, pretende-se que a escola seja lugar de formação moral e de satisfações básicas, funções tradicionalmente atribuídas às

¹⁶ A. BAGNASCO, “A Igreja em defesa da escola”, in *Pastoral Catequética*, 27 (2013), 48.

¹⁷ J. BERGOGLIO, (Papa Francisco), *Educar: para uma esperança ativa*, 21.

famílias. A escola tradicional, local de socialização secundária, passa, em parte devido ao crescente apagamento das famílias, a espaço de socialização total.

Com a universalização do acesso ao ensino, com a chamada escola para todos, assiste-se a outro fenómeno complexo: todas as tendências, todos os comportamentos, todas as atitudes culturais, desembocam no seio escolar. Como tratar as diferenças, quando as políticas são de uma escola neutra, que procura tratar todos de igual modo?

A escola terá de refletir sobre os campos onde terá de ser neutra e aqueles em que terá de não ser. A questão do ensino religioso é, neste sentido, paradigmática: sendo um espaço de socialização total, a escola terá, no âmbito da formação integral do indivíduo, de trabalhar os aspetos éticos, morais e de cidadania, mas tem, também, de incorporar no seu seio, uma formação ao nível do fenómeno religioso. Esta formação não belisca em nada o carácter laico do estado, mas é essencial para formar cidadãos com valores de responsabilidade, solidariedade, tolerância e justiça.

Por outro lado a escola enquanto lugar de educação da razão, não se pode limitar a ensinar ao aluno as questões científicas. Com efeito:

“A busca de sentido é também, por um lado, assunto da racionalidade. Crenças e valores não são totalmente estranhos aos procedimentos racionais, e não há uma simples relação de exclusão entre sentido e razão. Certamente, a busca de sentido requer modos de pensamento que implicam a sensibilidade, a imaginação, atos de avaliação; Em suma [...] atos de pensamento fundamentados em opções da ordem de uma fé.”¹⁸

Há hoje uma “súplica por mitos”, no sentido em que o ser humano precisa de narrativas que façam sentido à sua existência e lhe façam chegar um horizonte de esperança.

¹⁸ Cf. G. COQ, “Modelos de sistemas educativos na Europa de hoje. Estabelecer um referencial. Educação e democracia: uma relação problemática?”, in *Pastoral Catequética*, 23 (2012), 49.

Narrativas que lhes ensinem o valor da honra, do comedimento, da empatia pelos marginalizados.

A atual geração é a geração das redes sociais. Essa é, talvez, a sua maior marca geracional. Se a anterior era a geração da televisão, esta é a geração da *e* em rede. E através das redes que usam, os jovens estabelecem e constroem as suas próprias identidades pessoais e sociais.¹⁹ As sociabilidades são hoje permanentes e diferenciadas. A proximidade emocional e afetiva tem pouco a ver com a proximidade espacial ou geográfica. Vivemos hoje na, convencionalmente chamada, “sociedade digital” e os nossos alunos são, neste sentido, apelidados de “nativos digitais”²⁰. É um fenómeno recente com amplas repercussões em todas as áreas da atividade humana. A sociedade digital desenvolve mais as capacidades sensoriais e menos as reflexivas.

“O tempo da reflexão não é de modo nenhum o tempo da perceção e resposta imediata dos jogos de computador, das comunicações *on-line*, das operações de todo o tipo nas quais o importante é «estarem ligados» e «agir rapidamente». Não se trata de proibir os miúdos de jogar com as máquinas eletrónicas, mas sim de encontrar a forma de gerar neles a capacidade de diferenciar as diversas lógicas e não aplicar univocamente a velocidade digital a todos os âmbitos da vida.”²¹

Neste quadro, compete-nos oferecer ao adolescente uma leitura da realidade. É necessário que os jovens “ponham os pés no chão”, que percebam bem as realidades que os rodeiam. Os sinais de desinteresse podem ser, somente, manifestações de um olhar diferente para as realidades vividas:

¹⁹ Cf. M. CASTELLS, *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004, 147.

²⁰ “Nativos digitais”, é um conceito criado por Mark Prensky em 2001, num artigo intitulado “Digital Natives, Digital Immigrants”. Designa todo o ser que nasceu nesse período e se aproveita de todos os artefactos tecnológicos no seu quotidiano. In Marc, PRENSKY, “Digital Natives, Digital Immigrants” - From *On the Horizon* - MCB University Press.
<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-> (consultado em 20 de Setembro de 2015).

²¹ J. BERGOGLIO, (Papa Francisco), *Educar: para uma esperança ativa*, 90.

“O que com facilidade designamos de incultura nas jovens gerações é uma outra cultura, que se pode definir como *cultura da extensão*. Dá prioridade ao espaço em detrimento do tempo, do imediato em detrimento da duração, aproveitando isso da maior parte das inovações tecnológicas (sampling e zapping, culto do direto e imediato, montagem instantânea e viagens ultra-rápidas). Alargamento vertiginoso dos horizontes e retracção drástica das cronologias. Conracção planetária e pulverização do calendário. A *deslocalização* é tão rápida quanto a *des-historização*.”²²

Então, nesta sociedade em permanente mudança, e com evidentes “nuances” comunicacionais, passar a mensagem do Evangelho à luz da cultura dos nossos dias é um desafio e uma necessidade. E os nossos medos e angústias, não podem servir de desculpa a esta necessidade.

“todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e dá sentido à nossa vida. O teu coração sabe que a vida não é a mesma coisa sem Ele; pois bem, aquilo que descobriste, o que te ajuda a viver e te dá esperança, isso é o que deves comunicar aos outros. A nossa imperfeição não deve ser desculpa; pelo contrário, a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer.”²³

É preciso ser criativo e pensar nas diversas áreas culturais. Deve ser proposto aos jovens o entendimento do fenómeno religioso visto a partir das grandes manifestações artísticas. As grandes e magníficas obras de arte, as maravilhosas e empolgantes histórias bíblicas são um valioso manancial, suscetível de ser transformado em pequenas peças de teatro, em pequenos vídeos, em pequenos filmes temáticos. É extraordinário que mais de dois mil anos depois, estes grandes acontecimentos nos continuem a emocionar, a perturbar e a apaixonar. Mas é exatamente por isso que os textos bíblicos são intemporais, maravilhosos e apaixonantes.

²² Régis Debray citado por A. TEIXEIRA, “A cultura religiosa na escola” in *Pastoral Catequética*, 5 (2006), 54.

²³ FRANCISCO, Exortação Apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo actual (*Evangelii Gaudium*), Paulus Editora, Lisboa, 2013, 121.

Nas sociedades secularizadas, como esta em que vivemos, uma existência acompanhada pelo dom da fé é “um grande pilar” na construção do “edifício” das nossas vidas.

“A sociedade precisa de escutar um pouco mais sobre como os homens de fé têm vindo a dialogar há muitos anos. Não para nos colocarmos como exemplo supremo, mas simplesmente para mostrar uma modalidade de vida e de vida de fé, porque as construções que podemos erguer através da fé são realmente transcendentais. Transcendem o religioso e introduzem-se na vida social, criando mudanças na vida das pessoas e dos povos.”²⁴

Ser uma pessoa de fé representa a possibilidade de encontrar no espaço mediático e stressante do dia-a-dia, espaços e momentos de reflexão e de aquietação espiritual. “De natureza espiritual, a criatura humana realiza-se nas relações interpessoais: quanto mais as vive de forma autêntica, mais amadurece a própria identidade pessoal.”²⁵ É nosso dever proporcionar aos nossos jovens este encontro relacional, acompanhado por esta realidade crente, que a fé, entre outros contributos, pode ajudar a consubstanciar.

2.1-A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica

“Podemos legitimamente pensar que o destino futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem dar às gerações vindouras razões de viver e de esperar.”²⁶

O ensino religioso escolar é fundamental para o crescimento dos jovens. “Assume especial importância a presença institucional que a Igreja Católica tem oferecido à Escola, que

²⁴ Figueiroa, in J. BERGOGLIO; A. SKORKA; M. FIGUEIROA, “A Dignidade”, 36.

²⁵ BENTO XVI, Carta Encíclica sobre o desenvolvimento humano integral (*Caritas in Veritate*), Paulinas Editora, Prior Velho, 2009, 53.

²⁶ *Gaudium et Spes*, 31.

usufrui, entre nós, de uma longa e relevante tradição. Essa intervenção consubstancia-se na disciplina/área curricular disciplinar de Educação Moral e Religiosa Católica ”²⁷

Através da EMRC, a escola oferece um itinerário pedagógico que procura fazer uma síntese entre a fé, a cultura e a vida. Procura que os alunos adquiram uma visão cristã do homem, da sociedade e do mundo. Remete para uma escolha vocacional fundamentada e procura fazer nascer nos alunos a necessidade de um projecto de vida.²⁸

Deve por isso ser proporcionado a todos a possibilidade de a ele terem acesso. Para além de um direito cultural ou institucional, está em causa o direito dos pais e educandos promoverem e verem promovidos o desenvolvimento da personalidade, na sua dimensão mais humana.

“A Escola tem uma função educativa. Transmite o património científico, cultural, ético, estético e artístico, com vista à assimilação sistemática e crítica da cultura e à aquisição de competências para o prosseguimento dos estudos ou para a inserção no mundo do trabalho. A própria convivência humana que a Escola proporciona é um forte potencial de conhecimento pessoal e de integração social. A EMRC interessa à Escola e, designadamente, à escola estatal. É lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e da abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir. Ao mesmo tempo, a EMRC é um alerta para referência a estas dimensões que as outras disciplinas, as actividades da escola e o próprio projecto educativo são chamados, também, a contemplar.”²⁹

A educação, deve ser vista como a formação integral do ser humano (e não uma mera transmissão de conhecimentos, visando apenas a instrução do indivíduo). Deve proporcionar o

²⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Nota sobre a Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretaria Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2006, 1.

²⁸ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, “Educação cristã, um itinerário para a vida”, in *Pastoral Catequética*, 1 (2005), 7.

²⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Nota sobre a Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, 9.

desenvolvimento de todas as suas potencialidades, nomeadamente o seu relacionamento com o outro e com a comunidade onde se insere. Porque afinal “há um único caminho: reconhecer o outro e reconhecer-se a si mesmo no outro”³⁰. Numa perspetiva crente, este sentimento de partilha com o nosso semelhante, vem do Criador, “porque Deus fez o homem à Sua imagem e semelhança para que, ao ver o outro, note que há algo de Deus nele, e que Deus não está só em um, Deus distribuiu-se entre todos os homens.”³¹

Em qualquer circunstância a educação deve ser acompanhada por uma profunda exigência ética. Para além de formar o homem, a educação deve, sobretudo, formar o cidadão no papel fundamental que este deve desempenhar na sociedade. A assunção por parte dos alunos dos direitos e dos deveres de cada um, deve ser acompanhada da pedagogia do bem comum. “A partilha dos deveres recíprocos mobiliza muito mais do que a mera reivindicação de direitos”³²

A responsabilidade, o rigor, a transparência e a honestidade fazem parte do conjunto de valores que a escola tem obrigação moral e ética de transmitir, de modo a formar jovens que interpretem os sinais de humanidade que todos nós gostaríamos de ver nas nossas sociedades.

“Muitas instituições promovem mais a formação de lobos, que de irmãos; educam para a competitividade e para o êxito à custa dos outros, com apenas umas fracas normas de *ética*, defendidas por paupérrimos comités que pretendem paliar a destrutividade corrosiva de certas práticas que *necessariamente* haverá que realizar. Em muitas aulas premeia-se o forte e rápido e despreza-se o fraco e lento. Em muitas anima-se a ser o *número um* em resultados, e não em compaixão. No entanto, a nossa contribuição especificamente cristã é *uma educação que testemunhe e realize outra forma de ser humano.*”³³

³⁰ Skorka, in J. BERGOGLIO; A. SKORKA; M. FIGUEIROA, “A Dignidade”, 45.

³¹ *Ibidem.*

³² BENTO XVI, *Caritas in Veritat*, 43.

³³ J. BERGOGLIO, (Papa Francisco), *Educar: para uma esperança ativa*, 59.

A escola não pode transformar-se numa organização que apenas prepara indivíduos para o mercado de trabalho e que deem resposta à competitividade que a economia global exige. Deve, sem dúvida, capacitar os alunos para o desempenho de funções no mercado de trabalho e/ou para o prosseguimento de estudos. Mas deve, sobretudo, promover os saberes sociais, cívicos, éticos e morais, que constroem e formam cidadãos capazes de uma intervenção numa sociedade empreendedora, solidária, pacificadora, crítica, voluntariosa e perseverante.

“Antes de mais, a educação dos jovens, seja qual for a sua origem social, deve orientar-se de tal modo que forme homens e mulheres que não sejam só pessoas cultas, mas que tenham também uma forte personalidade, de acordo com as exigências prementes do nosso tempo.”³⁴

Deve proporcionar competências que vão no sentido do progresso pessoal e coletivo, e do desenvolvimento das comunidades em que se inserem.

Neste contexto, a disciplina de EMRC tem uma orientação cultural e formativa, enquanto procura abordar a religião na perspetiva da cultura e, portanto, como alicerce de valores, atitudes e comportamentos éticos.

A disciplina de EMRC privilegia valores como a integração social, excluindo qualquer forma de discriminação, aceitando e promovendo a cooperação e o diálogo entre as pessoas. Considera a componente religiosa e espiritual como base sólida para a formação pessoal e social, para o crescimento na liberdade responsável, na solidariedade, na vida comunitária. “Procura assim educar para os valores humanos e cristãos. Ensina a interpretar a vida e o mundo à luz da fé, ajuda a discernir entre o bem e o mal e contribui deste modo para definir um projecto de vida e para dar sentido à existência.”³⁵

³⁴ *Gaudium et Spes*, 31.

³⁵ J. AMBRÓSIO, *Textos de Apoio às aulas de Didática Específica de EMRC: Identidade e Finalidades da Disciplina de EMRC*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2011, 1

Julgamos que a dimensão religiosa é essencial e faz parte integrante do ser humano. Por outro lado sem uma dimensão moral bem integrada no agir humano, não há verdadeira cidadania. A disciplina de EMRC pode e deve ser o veículo privilegiado para trabalhar estas duas dimensões. Assim os alunos e as famílias o desejem, o estado e a sociedade o permitam e os professores o consigam.

A disciplina de EMRC tem características únicas entre as demais. Embora esteja ao nível das outras disciplinas, “na sua exigência científica e na missão da transmissão do saber”,³⁶ distingue-se das outras disciplinas porque procura, de forma intensa e sistemática:

“o necessário equilíbrio entre a exigência científica e disciplinar (rigor e método) e a proximidade afectiva e vivencial do aluno. A especificidade da Educação Moral e Religiosa Católica está na maneira de educar: através dos afectos, na qualidade da relação pedagógica de um professor que é, também, educador.”³⁷

O ensino religioso na escola pública esteve sempre presente em todos os graus de ensino não superior, para todos os alunos, a menos que os pais requeressem isenção. Essa presença estava legitimada pelos princípios da doutrina e da moral cristãs, que constituíam tradição no país. A escolha dos professores e dos conteúdos lecionados, estavam sujeitos à aprovação eclesiástica.

A nova Constituição de 1976, acolheu este regime de ensino religioso nas escolas estatais, nomeadamente no que diz respeito às matérias de liberdade de ensino e ao direito à educação.

No âmbito da liberdade religiosa a República Portuguesa tem o dever de cooperar com os pais na educação dos filhos, de modo a garantir as condições necessárias para que o ensino

³⁶ VILAÇA, Isabel; CARMONA, Vitor, “Os contextos pedagógicos e educativos de EMRC” in *Pastoral Catequética*, 5 (2006) 93.

³⁷ *Ibidem*, 94.

da religião e moral católicas, e das demais orientações religiosas, seja acessível a todos os que queiram ver ministrado nos estabelecimentos de ensino público não superior, este tipo de matérias.³⁸

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) de 1986, como pedra basilar do sistema educativo, teve, obviamente, uma repercussão fundamental no ensino religioso. A começar pelo enquadramento do ensino da religião e da moral. É enquadrada no “desenvolvimento pleno da personalidade” e é “elemento constitutivo da formação geral”. É presença obrigatória nos planos curriculares do ensino básico e secundário, enquanto elemento de “permanente ação formativa”. Remete para a esfera do Governo, a iniciativa de, no respeito pela Lei de Bases, “concretizar o papel da educação moral e religiosa nos planos curriculares”.

Quanto à questão da separação das Igrejas e do Estado e da não confessionalidade do ensino estatal, a LBSE entende a educação moral e religiosa como parte integrante do sistema educativo, de modo a garantir a liberdade religiosa e o direito ao desenvolvimento da personalidade dos cidadãos, entendendo que o ensino da religião faz parte do direito à religião. Deste modo, dá-se cumprimento à vertente positiva da liberdade religiosa, como reconhecimento da liberdade de crer, inerente a todos os seres humanos.

Na LBSE, garante-se também, no exercício do ensino da moral e da religião, a não identificação deste múnus com o próprio sistema educativo, tido como não confessional. Garante-se que a definição dos programas e dos conteúdos do ensino religioso, pertence às respetivas confissões religiosas. Por fim, garante-se, no respeito por uma certa visão reducionista da liberdade religiosa, a faculdade dos educandos terem, ou não, educação moral e religiosa católica, nos moldes que posterior legislação, assim o defina.

³⁸ CF. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Nota sobre a Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, 13.

A modernidade e a secularização trouxeram para a ordem do dia, novas maneiras de ver as relações entre o Estado e os cidadãos, nomeadamente quanto à importância e relevância da religião na vida das sociedades:

“A crescente secularização da nossa sociedade, à semelhança do que em geral se passa em toda a Europa, tende a sublinhar a laicidade do Estado e a defender a privatização da religião, remetendo as suas expressões, incluindo as do cristianismo, para os espaços internos às instituições religiosas. Há uma justa laicidade do Estado, que consiste na sua neutralidade religiosa. Mas neutralidade religiosa não pode significar que o Estado seja anti-religião, fazendo da laicidade uma espécie de credo, tornando-o num Estado confessional de sinal contrário.”³⁹

Os sinais que o Estado tem dado em relação à existência da disciplina de EMRC, nem sempre têm sido os mais positivos.

Vejamos então qual é, hoje, a realidade do ensino da moral e da religião católicas, nas escolas públicas:

- A EMRC passou, no 1º ciclo do ensino básico, para a 26ª hora. O seu previsível desaparecimento não aconteceu, porque o Despacho nº 16795/2005, veio determinar no seu nº 5, que para fazer face aos problemas das famílias, haveria prolongamento horário das atividades curriculares pelo menos até às 17.30 horas, não incluindo, mas também não excluindo, expressamente a disciplina de Educação Moral e Religiosa;
- Deixou de haver alternatividade com outra disciplina (Desenvolvimento Pessoal e social (DPS), no regime do Decreto-Lei nº 286/89, no seu art. 7º), disciplina eliminada nos Decretos-Lei 6/2001 e 7/2001. A esta disciplina sucedeu, no Ensino Básico, uma área curricular não disciplinar denominada Formação Cívica (entretanto já extinta),

³⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Nota sobre a Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, 2.

definida como “espaço privilegiado de educação para a cidadania”, conforme o articulado do art. 5º, nº 3 alínea a) do Decreto-Lei nº 6/2001.

- Os serviços de Administração Educativa têm continuado a tratar de maneira igual o que é diferente. Deste modo continuam a querer aplicar aos professores de EMRC, o disposto no art. 24º da Lei de Liberdade Religiosa (LLR) para o ensino da religião e da moral das outras confissões religiosas. Por exemplo, pretende-se aplicar aos professores de EMRC a exigência de exclusividade de docência, apenas aplicável aos docentes de moral e religião de outras confissões religiosas, segundo o art. 24º, nº 4 da LLR.
- A mesma ambiguidade se passa na remoção dos professores, numa disciplina onde a idoneidade é tão importante e fundamental. De acordo com a Concordata e o Decreto-Lei nº 70/2013 de 23 de maio e a Portaria n.º 333/86, de 2 de julho, em tudo o que não o contrarie, a juízo da autoridade eclesiástica competente, o professor de EMRC que perder a idoneidade para a lecionação desta disciplina deverá ser excluído pelo Estado. Nem sempre tem acontecido.
- Com a implementação da reorganização curricular em 2012, e do Despacho Normativo 13-A/2012 de 5 de junho, a escola terá autonomia para decidir duração dos tempos letivos em 45 ou 50 minutos, excepcionando a disciplina de EMRC, obrigando-a a ter tempos letivos de 45 minutos. Escolas com tempos letivos de duração diferentes, com os problemas organizacionais daí decorrentes, podem vir a surgir.

Em 2013, saiu em Diário da República a nova legislação aplicável à disciplina de EMRC. Com a aplicação do Decreto-Lei 70/2013 de 23 de maio que regulamenta a disciplina de EMRC, foram revogados os Decreto-Lei 323/83 de 5 de julho e 407/89 de 16 de novembro, alterado pelo Decreto- -Lei n.º 329/98, de 2 de novembro e a Portaria 344-A /88 de 31 de maio.

Esta nova legislação vem contextualizar e regular a disciplina de EMRC, de acordo com o espírito da nova Concordata celebrada entre o Estado Português e a Santa Sé, assinada em 18 de maio de 2004 na Cidade do Vaticano e aprovada, por ratificação, pela Resolução da Assembleia da República n.º 74/2004, de 16 de novembro.

“Com efeito, o n.º 1 do artigo 19.º da Concordata consagra o dever da República Portuguesa em garantir «as condições necessárias para assegurar, nos termos do direito português, o ensino da religião e moral católicas nos estabelecimentos de ensino público não superior, sem qualquer forma de discriminação». Deste modo e na esteira das soluções encontradas para a regulação da disciplina, o Estado Português assume a sua responsabilidade na cooperação e na criação das condições necessárias para que os pais possam livremente optar, sem agravamento injustificado de encargos, pelo modelo educativo que mais convenha à formação integral dos seus filhos.”⁴⁰

Proclamam-se, também, os princípios emanados da Declaração Universal dos Direitos do Homem, afirmando-se, expressamente, que “aos pais pertence a prioridade do direito de escolherem o género de educação a dar aos filhos” mencionando-se, ainda, o n.º 3 do artigo 13.º do Pacto sobre os Direitos Económico-sociais e Culturais, assim como o n.º 4 do artigo 18.º do Pacto sobre os Direitos Cívicos e Políticos.

Com este novo enquadramento legal, o corpo legislativo e programático que enforma e acompanha a disciplina de EMRC está ao nível do que de melhor existe no Sistema de Ensino Português. Uma situação que está em consonância com alguns documentos dignos de relevo a nível internacional, tal como o Tratado Internacional consubstanciado na Concordata de 2004 entre a Santa Sé e a República Portuguesa.

“Em harmonia com o estabelecido neste Tratado Internacional, a EMRC é sustentada por um vasto quadro de disposições legais, fruto de um longo e fecundo diálogo entre a Igreja e o Estado, de que resultou a integração progressiva da EMRC no currículo escolar e a dignificação e estabilidade do corpo docente. Concretamente, estão regulados, entre outros: o estatuto da disciplina de EMRC, comum ao das restantes disciplinas; os direitos das famílias e dos alunos à frequência da EMRC; o dever das escolas de reconhecimento desse direito pela oferta da disciplina nas condições legalmente previstas; o estatuto do professor, semelhante ao dos outros professores; o quadro de habilitações científicas e pedagógicas exigidas para a

⁴⁰ Preâmbulo do Decreto-Lei 70/2013 de 23 de maio.

docência; e as condições de acesso a lugares do quadro, à profissionalização e à progressão na carreira.”⁴¹

Isto é essencial para credibilizar e valorizar uma disciplina que, para além de outras lutas, sempre arcou com o estigma de ser uma catequese em ambiente escolar, dada por professores mal preparados profissionalmente, sem aparato programático nem adequados critérios de avaliação. A realidade, no entanto, mostra-nos bons programas, finalidades e métodos bem definidos, servidos por um conjunto de professores bem preparados académica e profissionalmente e humanamente empenhados.

É importante que os pais, em primeiro lugar, e os demais agentes educativos (professores de outras áreas curriculares, instituições locais) percebam que a disciplina de EMRC não é catequética. Os alunos podem frequentar as aulas, independentemente da sua adesão ao catolicismo. Mas, por outro lado, a disciplina de EMRC não é uma aula de cidadania. Os objetivos centrais da presença da disciplina na escola têm que contemplar a compreensão o testemunho e a vivência dos valores, da moral e da ética cristã.

⁴¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Nota sobre a Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, 2.

2.2-O professor de Educação Moral e Religiosa Católica – um perfil, três abordagens (antropológica, teológica e pedagógica)

“O homem contemporâneo escuta melhor o testemunho do que os mestres e quando os escuta é porque eles são testemunhas.”⁴²

Optámos por tentar contextualizar o papel do professor a partir de três abordagens que consideramos fundamentais: antropológica, teológica e pedagógica.

Uma abordagem antropológica centrada num conhecimento e numa valorização daquilo que é a própria experiência humana, porque o que o professor visa é a formação de um determinado modelo de ser humano para o qual concorre a dimensão ético-moral. Nesta abordagem deve ter-se em atenção que o professor de EMRC é, entre os pares, alguém cuja reflexão deve despertar para a própria experiência humana, para um maior entendimento de como se pode construir uma imagem autêntica e feliz de ser humano.

Uma abordagem teológica que resulta da especificidade da própria disciplina e da preparação e atualização do professor para tal. É fundamental o aprofundamento teológico. A clarificação de muitos dos temas só acontece a partir do conhecimento das matérias teológicas e das ciências da religião que os enquadram. Essa abordagem teológica permite-nos ir mais além na exploração dos programas e na sua adaptação ao domínio pedagógico.

Por último, uma abordagem pedagógica tendo em conta que o professor segue um determinado itinerário pedagógico. Julgamos haver um desconhecimento generalizado acerca do programa da nossa disciplina, programa aprovado pelo ministério da educação com metas, objetivos, conteúdos, metodologias. Existem itinerários pedagógicos bem definidos e as próprias metas traduzem a relação estreita entre as dimensões educativa, ético-moral e

⁴² PAULO VI, Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo (*Evangelii Nuntiandi*), 41, in http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi_po.html (acedido em 5 de outubro de 2014).

religiosa por um lado e a preparação científica do professor, que lhe permite estabelecer o elo entre o que é estritamente pedagógico e o que pertence ao domínio religioso.

O professor de EMRC, perante os pares, não é um doutrinador, mas deve entender o que está implícito na doutrina para que a sua ação tenha eficácia pedagógica. Uma resposta autêntica e fundamentada a um questionamento de um colega pode ser decisiva para que este passe a olhar-nos de um outro modo.

A lecionação da disciplina de EMRC é, mais do que na maioria das disciplinas curriculares, muito pessoalizada na figura do professor. Deste modo, a forma como o professor de EMRC exerce a sua função educativa, a maneira como faz eco das propostas da disciplina, pode fazer toda a diferença. Afinal de contas, a forma como os pares nos olham também depende, em grande medida, da forma como a disciplina se expõe. Se optarmos por torná-la um manancial de teoria, vozes levantar-se-ão acusando-nos de estarmos a doutrinar os nossos alunos.

Na vertente afetiva e vivencial temos um papel importante a desempenhar. E o testemunho dessa vertente, pode ser uma das chaves do sucesso da disciplina. A compreensão desse papel afetivo e vivencial do professor explica em grande parte a existência de escolas com um grande número de alunos inscritos na nossa disciplina. A escola espera do professor de EMRC um “especialista em humanidade”^{43 44}

Não há humanidade sem afetividade nem esta sem acolhimento. O professor tem que saber acolher cada um e todos os seus alunos. Independentemente dos seus credos, raízes culturais, condições económicas e sociais, cada um deve sentir-se integrado no ambiente escolar. Diríamos que no contexto atual do movimento migratório para a Europa, este acolhimento faz todo o sentido.

⁴³ D. PEDRINHO, “Competência científica e competência educativa do professor de EMRC”, in *Pastoral Catequética*, 21/22 (2011-2012), Fundação Secretariado Nacional para a Educação Cristã, Lisboa, 34.

⁴⁴ Embora, na nossa opinião, este conceito deva estar sempre “colado” ao professor de EMRC, neste trabalho refere-se unicamente ao ambiente humano do Externato Marista de Lisboa.

Acolher deve ser uma palavra indispensável no vocabulário do professor. Todo o ser humano deseja um ambiente acolhedor, onde quer que se encontre. A escola, tantas vezes palco de ambientes hostis, precisa de educadores que efetivamente acolham todos e cada um.

“Acolher alguém é também sempre deixar-se acolher por essa pessoa, aproximar-se dela acreditando nas suas próprias capacidades de acolhimento. Esta capacidade de hospitalidade, de abertura, de universalismo sem fronteiras ou, podemos dizê-lo, de catolicidade, é essencial para um professor, tanto no conteúdo das suas aulas como na sua pedagogia e nas suas relações com os alunos e os colegas.”⁴⁵

Contudo o professor deve sempre ter presente a sua autoridade enquanto educador. Sempre existirá uma tensão interna entre o professor e o aluno. Os papéis são diferenciados e a relação não é de igualdade. O “professor- colega é um logro. O professor papá-mamã é uma perversão. Se há uma afectividade possível, presente, trata-se, antes de tudo, de uma atitude de acolhimento do outro.”⁴⁶

O partido que o professor tira dos meios e materiais postos à sua disposição, mais não deve servir senão para revelar o humanismo que ele transporta e para revelar o projeto de humanidade que Deus tem para os seus alunos, através, precisamente, do testemunho de vida do professor.⁴⁷

Sem “o jeito e o gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o equilíbrio e a maturidade humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente,”⁴⁸ não se é, verdadeiramente, professor de EMRC. Na verdade a especificidade da profissão de professor, por um lado e a de professor de Religião e Moral

⁴⁵ A. FOSSION, “Que formação cristã para o corpo docente? Que competências ter em vista?”, in *Pastoral Catequética*, 27 (2013), 95.

⁴⁶ G. COQ, *Modelos de sistemas educativos*, 52.

⁴⁷ Cf. D. PEDRINHO, “Competência científica e competência educativa do professor de EMRC”, 34.

⁴⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 5.

Católica exige qualidades sem as quais o seu trabalho estará, com toda a certeza, destinado ao fracasso.

Nas palavras de Arends ⁴⁹“aprender a ser professor é uma viagem longa e complexa, repleta de desafios e entusiasmo.” Ser professor requer uma constante aprendizagem. Diremos que antes de estar na moda, os professores sempre fizeram (ou assim deveria acontecer) “aprendizagem ao longo da vida”. Aprender com os mestres, com os pares mas também com os seus alunos.

“Em vez de lhe fornecermos somente os conteúdos programáticos, deveríamos proporcionar-lhe, também, *contextos* ou *experiências* concretas através das quais o aluno pudesse exercitar a sua própria inteligência e a sua capacidade de reflexão introspectiva. Com esta estratégia, não só ajudaríamos a um domínio mais personalizado, profundo e duradouro dos conteúdos (conhecimento intelectual acerca de Deus e da Religião), como deixaríamos a porta aberta para uma *experiência* concreta e pessoal de Deus (conhecimento afectivo de Deus). Este último aspecto é o que normalmente denominamos por *vida espiritual*. É claro que toda a tentativa e todo o esforço em ser guia espiritual de alguém deve estar fundada na própria experiência espiritual do educador.”⁵⁰

É este o contexto que o docente de EMRC encontra na escola. Centremo-nos, pois, no papel do docente de EMRC. Ele deve, no seu perfil de professor, de acordo com o Decreto Lei 240 de 2001 de 30 de agosto, contemplar as dimensões que a seguir se discriminam:

- dimensão profissional, social e ética;
- dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem;
- dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade;

⁴⁹ Todas as referências a Arends feitas neste trabalho, dizem respeito ao livro, R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 7ª ed., Mc Graw Hill, Madrid, 2008.

⁵⁰ Thomas Groome, citado por D. de FREITAS, “A experiência na educação religiosa”, in *Brotéria*, 151 (2000), 35

- dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida.

Para além destas, o professor de EMRC deve ter:⁵¹

- dedicação a cada aluno, identificando nele o rosto de Cristo;

- inserção ativa na comunidade educativa;

- disponibilidade para ser, no quadro da escola e no ambiente dos pais, instrumento de diálogo;

- atitude de serenidade, de esperança e de alegria – mesmo em tempos difíceis e em circunstâncias adversas.

O professor de EMRC constitui, hoje, com a sua presença, uma autocrítica perante o relativismo e neutralidade de uma escola num quase “não rumo”. Deve ser o portador e o mensageiro daquilo que é a identidade cristã, “que é aquele abraço batismal que o Pai nos deu em pequeninos, faz-nos ansiar, como filhos pródigos – e prediletos em Maria –, pelo outro abraço, o do Pai misericordioso que nos espera na glória.”⁵²

Os valores do humanismo e da igualdade (não a igualdade fundada em critérios político-culturais mas a verdadeira igualdade que nos foi transmitida pelo Criador, porque não existem indivíduos que, diante de Deus, tenham prerrogativas maiores ou menores) devem ser realçados e vividos a todo o custo. Somos todos iguais em dignidade, e cada um é um tesouro, algo que devemos cuidar. Não podemos nem devemos permitir que a “mentalidade individualista e competitiva tão enraizada na nossa cultura cívica acabe por colonizar também as nossas escolas. Animemo-nos a ensinar e até a exigir o desprendimento, a generosidade, a primazia do bem comum.”⁵³

⁵¹ Cf. D. António SANTOS, “O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional”, in *Pastoral Catequética*, 21/22 (2011-2012) 14.

⁵² FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 144.

⁵³ J. BERGOGLIO, (Papa Francisco), *Educar: para uma esperança ativa*, 27.

O professor de EMRC deve ser um pedagogo e um facilitador das aprendizagens. É fundamental que tenha uma boa formação religiosa, que sinta verdadeiramente a vocação de ser anunciador da mensagem de Cristo e verdadeiro arauto dos valores e atitudes cristãs. É necessário que transmita o cristianismo como um “acontecimento que acontece e não como um acontecimento acontecido”.⁵⁴ Contudo, “o espírito é importante, mas também o é a competência profissional. Não para cair no mito da excelência no sentido competitivo e não solidário, como às vezes se apresenta, mas para oferecer o melhor de nós à nossa comunidade e à nossa pátria, utilizando a fundo os nossos talentos.”⁵⁵ É necessário que esteja bem preparado académica e profissionalmente. Os nossos jovens precisam de modelos, e os professores, nomeadamente os de EMRC deverão sê-lo de corpo inteiro.

Exige-se, do professor de EMRC, gosto pessoal, equilíbrio humano, preparação específica. Por isso os professores de EMRC devem ser escolhidos “tendo em conta as condições legais de qualificação científica e pedagógica, o jeito e o gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o equilíbrio e a maturidade humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente”.⁵⁶ Não pode contentar-se em transmitir apenas saberes. Deve chegar aos valores, atitudes e comportamentos.

“A narração, de que o educador é sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. (...) Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de acção que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.”⁵⁷

⁵⁴, Citação de Juan. Ambrósio (docente da disciplina) nas aulas de Didática Específica em EMRC, do Mestrado em Ciências Religiosas, na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, no ano lectivo 2012/2013.

⁵⁵ J. BERGOGLIO, (Papa Francisco), *Educar: para uma esperança ativa*, 29-30.

⁵⁶ D. Tomás, NUNES, “O lugar do Ensino Religioso Escolar”, in *Pastoral Catequética*, VII (2011) 19, Fundação Secretariado Nacional para a Educação Cristã, Lisboa, p. 126.

⁵⁷ Paulo Freire, citado por R. CABRAL, “Que Escola? O Lugar da Escola na Formação da Pessoa”, in FORUM DO ENSINO RELIGIOSO ESCOLAR, *Pessoa cultura fé*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, 55

Lembremo-nos que a dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana. Não haverá educação integral, nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais.⁵⁸

⁵⁸ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Nota sobre a Educação Moral e Religiosa Católica*, 6.

3-Prática Letiva

A nossa prática letiva, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, foi realizada (conjuntamente com outro estagiário, embora com turmas distintas atribuídas) no Externato Marista de Lisboa, instituição de ensino particular, de confissão religiosa católica, ligada ao Movimento Marista e fazendo parte da rede de Colégios Maristas. Lecionámos a turma C do oitavo ano de escolaridade.

Os Colégios Maristas são instituições educativas católicas que se assumem como um serviço às famílias e à sociedade e que seguem o estilo de S. Marcelino Champagnat, fundador dos Irmãos Maristas, o qual sonhava «formar bons cristãos e honrados cidadãos»⁵⁹. Como escolas católicas, propõem uma síntese entre fé, cultura e vida; programam as suas atividades pastorais e a vivência da fé, num clima de liberdade e respeito pelo outro e procuram contribuir para uma sociedade mais humana, mais justa e mais fraterna.

Os Irmãos Maristas evangelizam através da educação - em instituições escolares, em outros projetos pastorais e sociais e nos contactos informais – procurando oferecer uma educação integral, elaborada a partir duma visão cristã da pessoa humana e do seu desenvolvimento e que contempla as dimensões física, cognitiva, afetiva, ética, estética e religiosa⁶⁰.

Os alunos maristas são, ainda, ajudados a desenvolver: as suas capacidades físico-motoras, o gosto pela prática desportiva e o estilo de vida saudável; a capacidade de investigação, reflexão crítica e comunicação; o espírito de empreendedorismo e inovação no sentido do progresso humano; a confiança no futuro (flexibilidade, criatividade e otimismo); a interiorização de atitudes e valores, que contribuam para o enriquecimento da sua identidade

⁵⁹ Cf. EXTERNATO MARISTA DE LISBOA, *Projeto Educativo 2010/2011 – 2013/1014 (PEEML)*, publicado em http://www.ext.marista-lisboa.org/docs/Projeto_Educativo.pdf, (acedido a 29 de dezembro de 2012), 11

⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 12.

pessoal e social; a formação científica, técnica e cultural, indispensável ao exercício da cidadania e à aprendizagem ao longo da vida; a consciência ecológica, de respeito e preservação do ambiente; a vivência dos valores da simplicidade, da honestidade, do esforço e da persistência no trabalho; a valorização da dimensão humana do trabalho individual e em equipa; a participação ativa na vida familiar, social e eclesial e consciência solidária, expressa na ajuda aos colegas e aos mais desfavorecidos.⁶¹

O estilo educativo marista assenta em quatro pilares: a pedagogia da presença, o amor ao trabalho, o espírito de família e a devoção a Maria. Assim, quer os Irmãos, quer a comunidade educativa a estes associada (denominados por educadores maristas) são chamados a ser presença efetiva junto das crianças e dos jovens que lhes estão confiados, procurando conhecer cada um pessoalmente, demonstrando-lhes preocupação e atenção pelas suas necessidades e bem-estar e estabelecendo com eles um relacionamento baseado no amor, que crie um clima favorável à aprendizagem, à educação dos valores e ao seu desenvolvimento pessoal.

Tendo a nossa experiência como professor sido feita na escola pública, com uma breve incursão num estabelecimento de ensino cooperativo, vimos com bons olhos uma experiência no ensino privado, numa escola de matriz católica. Encontrámos no Externato um espaço de trabalho funcional, com oferta nos mais variados domínios. Tivemos acesso a todo o material audiovisual, que considerámos necessário para desenvolver, com toda a qualidade, a prática letiva. O modelo organizacional, naquilo que nos foi dado observar, permite que todos possam desempenhar cabalmente as suas funções, funções que se encontram bem definidas e assumidas por todos.

Há um espírito de escola. Podemos afirmar que *é-se marista* e que essa qualidade é importante para quem a tem, sendo que esse ADN “cola-se” para toda a vida. Os valores cristãos estão presentes em todos os aspetos da vida do Externato: as atividades, as relações

⁶¹ Cf. EXTERNATO MARISTA DE LISBOA, *Projeto Educativo*, 12.

entre pares, entre alunos, professores e funcionários, ou a intervenção e empenho dos pais na vida do Externato.

Na planificação do ano letivo levámos em linha de conta o espírito e a realidade da escola. As planificações devem ir, no nosso entender, ao encontro da realidade das comunidades educativas a que se destinam. Nesse sentido, levámos em linha de conta as informações dadas pelo professor da turma escolhida para a lecionação, no processo de planificação.

Escolhemos centrar o nosso trabalho em torno dos valores. Não há sociedade saudável sem a assunção dos valores que realmente nos unem, valores que assentam indubitavelmente na matriz cristã que está na génese do espírito marista.

Assumimos, desde o início, uma postura dialogante com os alunos, cientes de que o professor não é detentor, nem de toda a verdade, nem de todo o conhecimento. Não esquecendo, contudo, que o espaço de aula é um espaço normalizado, hierárquico, procurando no espírito do Regulamento Interno, deixar bem definidos o papel do professor e o papel do aluno.

Procurámos fomentar a dimensão crítica por parte dos alunos, ajudando deste modo os alunos a encarar e valorizar as questões mais relevantes para a sociedade.

Na escolha das unidades letivas a lecionar, procurámos a ajuda e o apoio do professor de EMRC da Turma, valorizando, quer a sua experiência profissional, quer o seu conhecimento profundo da realidade dos alunos e de todo o enquadramento da turma.

Decidimos, deste modo, fazer a escolha e o alinhamento que se segue: “O Amor”, “Cristianismo: unidade e diversidade” e “A Liberdade”. Deixámos de fora a unidade letiva “Ecologia” por entendermos que o tema é transversal a todo o currículo escolar e passível, portanto, de ser convenientemente tratado nos currículos das outras disciplinas.

Pudemos retirar algumas conclusões a partir dos dados do questionário que realizámos na turma, que era constituída por 28 alunos, 12 raparigas e 16 rapazes.

Desde logo constatámos que o bom comportamento da turma e o nível médio das contribuições em aula, revelavam um grupo de alunos que viviam em famílias estruturadas, com pais que os acompanhavam e lhes davam o substrato anímico que se refletia na forma como se comportavam e respondiam às diversas solicitações que o ambiente escolar lhes pedia.

O nível cultural da turma refletia o fato da esmagadora maioria dos pais possuírem formação académica de nível superior, o que lhes permitia abrirem horizontes nas perspetivas de futuro e nas escolhas que começavam a equacionar. Este fato está, também, bem expresso nas profissões que a grande maioria escolheu como suas.

A turma revelou um “espírito marista” adotando costumes transmitidos pelo próprio Externato, tais como os hábitos de estudo, o bom comportamento, o cumprimento dos deveres, o conhecimento dos seus direitos, a disciplina, a cooperação, o voluntariado, a perspetiva de cidadania, entre outros, resultado do fato da grande maioria frequentar o Externato, pelo menos desde o 2º ciclo.

Verifica-se, contudo, um certo paradoxo no que concerne à vida religiosa e espiritual dos alunos. Embora a esmagadora maioria se considerasse católica e todos afirmassem gostar de frequentar o Externato, apresentavam baixos índices de vivência religiosa, de pertença a grupos de igreja, revelavam pouco gosto pela catequese e, na escolha de uma profissão estava arredado o valor do serviço em detrimento da boa remuneração.

Em relação à disciplina de EMRC, os dados do inquérito denotam que a acham importante, o que vem confirmar o bom ambiente de aula e o interesse pelas matérias apresentadas, e o também bom relacionamento dos alunos com os professores.

A lecionação correu muito bem, no nosso ponto de vista. Foi melhorando ao longo do ano, fruto quer do conhecimento cada vez mais aprofundado da turma, quer, principalmente,

das reflexões semanais do núcleo de estágio, que permitiram identificar os pontos menos fortes e apontar soluções e modos de atuação. Ressalvamos, mais uma vez, o papel pedagógico do professor cooperante⁶², Eurico Santos, na superação das dificuldades sentidas durante todo o ano letivo. A turma mostrou-se cooperante, simpática e desejosa de aprender. As estratégias foram afinadas ao longo do tempo, fruto da observação da identidade do grupo/turma e da clarificação dos caminhos mais positivos para o sucesso da lecionação.

Procurámos, em termos de avaliação sumativa, abarcar o maior número possível de métodos avaliativos. Deste modo decidimos fazer a avaliação por teste no primeiro período, a avaliação por trabalho de grupo no segundo período e a avaliação por portefólio no terceiro período. Os alunos reagiram bem a esta diversidade de métodos avaliativos e interpretaram bem os objetivos pedidos em cada um deles. Esta diversidade permitiu-nos avaliar o potencial de cada aluno de um modo mais abrangente e total.

A presença simultânea de três docentes no espaço de aula (os dois estagiários e o professor cooperante), situação potencialmente perturbadora, revelou-se, ao invés, extremamente positiva. Salienta-se o ambiente positivo existente nas aulas, o sentido de entre ajuda e a afirmação clara, em cada caso, do professor responsável pela condução da aula.

Procurámos, ao longo do ano letivo, integrarmo-nos nas atividades do Externato, tendo participado em algumas, fato este, importante para se sentir o “respirar” do universo marista.

Procurámos fazer um trabalho honesto e empenhado junto dos alunos. A nossa maior preocupação foi identificar e transmitir as principais ideias, valores e atitudes que queríamos transmitir. Procurámos, sempre que possível, incluir na lecionação, a nossa própria história de vida, as nossas experiências, a nossa maneira de ver o mundo. O professor é sempre um

⁶² A figura de Professor Cooperante corresponde ao que habitualmente se chamava Coordenador de Estágio e tem como competências acompanhar os estagiários na lecionação e fazer a ponte entre o núcleo de estágio e a instituição responsável pelo estágio, no nosso caso o Externato Marista de Lisboa e a Universidade Católica Portuguesa, respetivamente.

educador e deve, antes de mais, educar com recurso ao seu próprio exemplo. Consideramos importante que os alunos vejam no professor um ser humano igual em dignidade a todos os outros seres humanos.

Há, realmente, um antes e um depois, daquilo a que se convencionou chamar “estágio”. Sentimo-nos, hoje, muito mais bem preparados, científica e pedagogicamente para encarar a tarefa de ensinar.

Foi um ano exigente, porque também o ambiente das escolas esteve em grande efervescência. Também, neste campo, obtivemos espaço para discutir os principais problemas que afetam a profissão docente na generalidade e o papel do professor de EMRC, em particular.

Reconhecemos e agradecemos a exigência e o rigor postos em todas as atividades que desenvolvemos. Num tempo em que tudo se relativiza é compensador saber que o “sêlo” da Católica e dos seus professores ainda é um sinal de qualidade e rigor. Neste mundo competitivo, só os melhor preparados podem ousar progredir. Ou assim deveria ser.

4-A Investigação

Foi com a prática letiva que se começou a desenhar a questão principal desta investigação, que se articula com uma determinada concetualização da escola católica, na qual o contributo da disciplina se apresenta como estando ao serviço de um determinado projeto pedagógico de matriz cristã católica, tendo como centro desse serviço o papel do professor da disciplina. Procuramos saber se os contributos do professor, visto como “cara” da disciplina, são esclarecedores da missão educativa e do serviço que ele presta à escola.

Colocamos como grandes questões de investigação o modo como é visto o docente de EMRC pelos pares do Externato Marista de Lisboa, pretendendo também, como segunda questão, aferir de que forma essa visão condiciona a representação sobre o contributo da disciplina para a formação humana dos alunos.

4.1-Tipo de estudo

Optámos por um estudo de carácter descritivo, partindo de questões pertinentes levantadas pela prática pedagógica que realizámos no Colégio Marista de Lisboa. Este tipo de estudo “implica estudar, compreender e explicar a situação actual do objecto de investigação”.⁶³ A investigação descritiva que escolhemos compreende diversas etapas: “definição do problema, revisão da literatura, formalização da(s) questões de investigação,

⁶³ CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela, M., *Metodologia da Investigação: guia para auto-aprendizagem*, Universidade Aberta, Lisboa, 1998, 213.

definição da população-alvo, escolha da técnica de recolha de dados, determinação da dimensão da amostra, selecção ou desenvolvimento de um instrumento de recolha.”⁶⁴

4.2-Métodos de recolha de dados

Sem dados não há estudo. O termo dados:

“refere-se aos materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que estão a estudar, são os elementos que formam a base de análise. (...) Os dados são simultaneamente as provas e as pistas. (...) Alguns estudos qualitativos baseiam-se exclusivamente num tipo de dados, transcrições de entrevistas, ou questionários, por exemplo, mas a maior parte usa uma variedade de fontes de dados.”⁶⁵

Esta variedade de dados (recolha de informação) pode ser de três tipos:

- substantivos – dados de caracterização que tendem a explicar qualquer coisa (é uma resposta a uma pergunta). Estes dados não são contáveis, obtêm-se através de pessoas, em situações ou documentos (são de quantidade imediata);
- fatuais – os que podem contar-se (por exemplo o número de vezes que o aluno intervém; quantos professores existem; etc.), são dados de quantidade, ou de coisas que se podem quantificar. Estes dados obtêm-se eminentemente nas situações (observação);
- financeiros – tal como o nome indica, referem-se a dinheiro e obtêm-se através de fontes documentais.

Os dados são obtidos em fontes de dados que se podem caracterizar de três formas:

⁶⁴ *Ibidem.*

⁶⁵ BOGDAN, Robert C.; BILKEN, Sari Knopp, *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto Editora, Porto, 1997, 157.

1. diretamente a pessoas - são elas que nos dizem coisas, (por exemplo entrevista ou questionário);
2. situações – podemos recolher os dados olhando (ver qualquer coisa, por exemplo observação de uma aula);
3. documentos – recorrendo a documentação de diversa ordem (particular/pessoal, oficial, interna/externa e registos).

A recolha de dados implica uma opção teórica, respeitante àquilo que será estudado. Há que fazer uma seleção uma vez que se torna impossível observar toda a realidade.

As técnicas de recolha de dados são: a observação, o inquérito (por forma oral ou escrita, na forma de entrevista ou questionário) e a análise documental. Um dos métodos mais frequentes de recolha de dados é o inquérito. Embora os termos inquérito e questionário apareçam frequentemente confundidos, o conceito de inquérito é mais amplo, pois compreende o questionário e a entrevista. O questionário é um conjunto de questões escritas que se colocam aos sujeitos de uma amostra.

Dado o número geralmente elevado de pessoas auscultadas e o tratamento quantitativo que se segue a esta auscultação, as respostas à maior parte das perguntas são pré codificadas, de modo a que os respondentes devam, obrigatoriamente, escolher as suas respostas entre as que lhes são formalmente apresentadas.⁶⁶

O inquérito por questionário tem vantagens e desvantagens. Tem a vantagem de poder ser mais facilmente sistematizado que outros tipo de recolha de dados, tem uma maior simplicidade de análise, permite rapidez na recolha e análise de dados e é uma forma pouco dispendiosa de obter dados. Tem, por outro lado, dificuldades na sua conceção, pode

⁶⁶ QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa, 1998, 40.

proporcionar taxas significativas de não-respostas (em contraste com a entrevista por exemplo).⁶⁷

O questionário pode conter três tipos de perguntas, da mais fechada à mais aberta:

1. pergunta aberta - as perguntas são colocadas de modo a que o inquirido possa emitir a sua opinião, justificando as suas respostas;
2. pergunta fechada – as perguntas são do tipo não, sim ou por alternativa, sendo estas alternativas dadas pelo inquiridor, pelo que não é possível justificar as respostas;
3. pergunta semiaberta – cada pergunta tem três ou quatro hipóteses de resposta (alternativa – escala de atitudes) dando-se ainda a hipótese ao inquirido de justificar a sua opção.

Requerem-se assim alguns cuidados a ter em conta na elaboração dos questionários. A linguagem deve ser:

- clara (deve ser compreendida do mesmo modo por todos os inquiridos);
- sucinta;
- limitada a um problema;
- direta (não pela negativa);
- neutra.

No nosso estudo aplicaremos um questionário semi-aberto, pois consideramos ser o melhor dos instrumentos para analisar o nosso tema.

O questionário (que apresentamos em anexo) está dividido em três campos: um referente à caracterização do universo dos respondentes, outro à perceção dos docentes do Externato Marista de Lisboa sobre o contributo da disciplina de EMRC e um terceiro campo sobre a perceção destes docentes sobre o contributo do professor de EMRC.

⁶⁷ Cf. CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela, M., *Metodologia da Investigação: guia para auto-aprendizagem*, 147.

Relativamente à percepção dos docentes sobre o contributo da disciplina elencámos os seguintes temas: papel educativo, confessionalidade, opção pela disciplina, conhecimento dos temas/assuntos

Em relação à percepção dos docentes sobre o contributo do professor, enquadrámos as questões nos seguintes temas: papel educativo, perfil do professor, participação na vida da escola, confessionalidade e interdisciplinaridade.

4.3-Tratamento e análise de dados

Depois de acabada a fase de consulta aos respondentes, é necessário proceder ao tratamento da informação contida nos questionários e o seu necessário tratamento. É necessária uma primeira leitura dos dados, para verificação da fiabilidade das respostas recebidas.

A codificação das respostas fechadas e o esboço de codificação das respostas abertas deve ser objecto de um trabalho prévio ao envio do questionário aos respondentes.

“Quando o questionário é lançado já deve ter havido um trabalho de pré-codificação de todas as respostas e um esboço de codificação das perguntas abertas. No entanto, só após a recolha de dados, é possível a codificação final das perguntas abertas e a afinação de alguns códigos das perguntas fechadas, estas últimas em virtude de um certo tipo de respostas.”⁶⁸

O tratamento dos dados será feito com recurso a meios informáticos, dada a sua rapidez e potência de cálculo. Procuraremos aproveitar as potencialidades de modo a otimizar os resultados que pretendemos obter.

⁶⁸ QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 146.

4.4-População e Amostra

O nosso estudo será feito no Colégio Marista de Lisboa, na área geográfica do Patriarcado de Lisboa, estabelecimento de ensino onde realizámos a nossa Prática de Ensino Supervisionada.

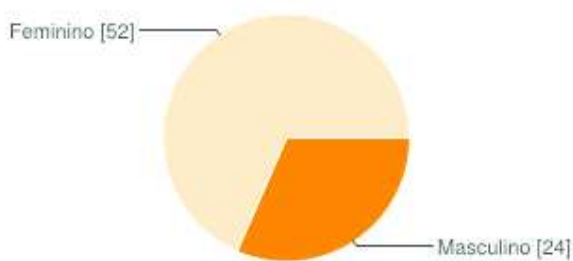
A população corresponde à totalidade dos docentes da escola. No nosso caso a amostra coincide com a população em análise.

A população era composta por 104 professores, distribuídos pelos seguintes departamentos curriculares: departamento de Ciências Sociais e Humanas; departamento de Ciências Religiosas e Antropológicas; departamento de Línguas Estrangeiras; departamento de Português; departamento de Matemática; departamento de Ciências Naturais; departamento de Físico-Química; departamento de Artes e Tecnologia e departamento de Educação Física.

5-Análise dos Resultados

I. Caraterização da População/Amostra (sexo e idade)

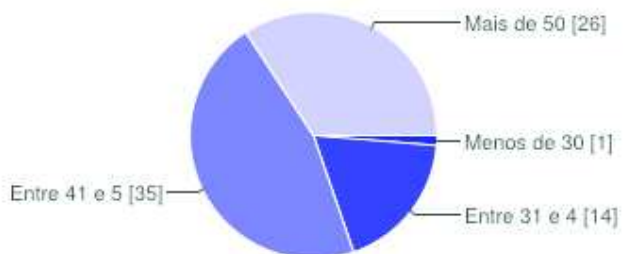
No que concerne à caraterização da população/amostra, responderam ao questionário 76 docentes, na maioria do sexo feminino (68%)



Masculino	24	31%
Feminino	52	68%

Fig.1. caraterização da população por sexo

A faixa etária situa-se nos 41-50 anos (45%), havendo ainda um número significativo de inquiridos acima dos 50 anos (34%). Somente 1% dos inquiridos têm menos de 30 anos.



Menos de 30	1	1%
Entre 31 e 40	14	18%
Entre 41 e 50	35	45%
Mais de 50	26	34%

Fig.2. caraterização da população por idade

Importa ainda caraterizar os respondentes quanto à sua distribuição departamental ou domínio curricular. Na sua maioria, os inquiridos integram os departamentos de Ciências Sociais e Humanas (25%) e Matemática e Ciências Experimentais (25%), perfazendo ambos 50% das respostas ao questionário.

Departamento Curricular	N.º	%
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	19	25%
Departamento de Matemática e Ciências Experimentais	19	25%
Departamento de Artes e Tecnologia	10	13%
Departamento de Educação Física	9	12%
Departamento de 1º Ciclo e Pré-Escolar	6	8%
Departamento de Línguas	5	6%
Departamento de Português	5	6%

Quadro 1 - Caraterização da população por departamento curricular

II. Sobre o contributo da Disciplina (CD): papel educativo, confessionalidade, opção pela disciplina, conhecimento dos temas/assuntos

PAPEL EDUCATIVO

CD⁶⁹.1: Perceção dos outros docentes sobre o contributo da Disciplina para a formação dos alunos

(Questão 1. Considera a Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) um contributo válido para a formação dos alunos? Justifique a sua resposta.)

A totalidade dos respondentes⁷⁰ considera a disciplina um contributo válido para a formação dos alunos, contributo esse que podemos aferir a partir de aspetos como:

- ***(aprendizagem de) valores e questões ético-morais:*** Como já tivemos oportunidade de sublinhar uma percentagem significativa de respondentes encontra no domínio axiológico o fulcro do contributo educativo da disciplina de EMRC. Esta visão é corroborada por 26 dos 75 respondentes ao questionário, para quem a disciplina ***“contribui decisivamente para a interiorização de valores”*** (RCD⁷¹1.39), para a sua ***“transmissão”*** (RCD1.7; RCD1.10; RCD1.36; RCD1.43; RCD1.50; RCD1.57; RCD1.58; RCD1.59), tornando-se uma ***“... ajuda eficaz num tempo de gritante falta de valores”*** (RCD1.37). Este reconhecimento de que deve haver um ***“espaço onde se fale de princípios morais”*** (RCD1.47) e que contribua para uma ***“aferição do***

⁶⁹ Usaremos a sigla CD para nos referirmos aos contributos da disciplina.

⁷⁰ Os 76 respondentes responderam SIM à referida questão, pelo que corresponde a 100% de respostas. Porém, na aplicação on-line registámos uma Não resposta, assumindo, deste modo, 99% de respostas na opção SIM e 0% de respostas na opção NÃO.

⁷¹ Para nos referirmos às respostas sobre o contributo da disciplina passaremos a usar sempre a sigla RCD, seguida dos números que identificam, respetivamente, a questão e a respetiva resposta no questionário.

comportamento à luz dos valores essenciais” (RCD1.53) enfatiza a afirmação de que *“o homem precisa de uma educação moral desde a infância*” (RCD1.49).

- Ajuda a compreender *a religião e a experiência religiosa* não apenas como um domínio cognitivo (RCD1.1; RCD1.7; RCD1.14; RCD1.59), mas sobretudo numa dimensão experiencial e afetiva da proposta religiosa (cf. RCD1.6; RCD1.16; RCD1.32; RCD1.52; RCD1.59). Precisamente neste ponto reside o fundamento da confessionalidade da respetiva disciplina e, por inerência, do perfil do professor, como teremos oportunidade de salientar.
- Contribui para o *desenvolvimento pessoal, cultural e social, assim como para a formação plena e integral*. Afirmar que a disciplina *“permite desenvolver competências pessoais e sociais muito importantes para o seu papel como indivíduos na sociedade”* (RCD1.22) poderá não ser, por si só, distintivo da disciplina, por ser aplicável a todas as áreas do saber. Porém, a proposta de desenvolvimento pessoal, cultural e social que emana da disciplina não se esgota na simples *“formação pessoal de um indivíduo”* (RCD1.30; RCD1.35; RCD1.42), ou na mera *“informação sobre o contexto cultural”* (RCD1.35), mas ao *“promover o desenvolvimento dos alunos enquanto pessoas”* (RCD1.21), concretiza um serviço de verdadeira personalização dos alunos e da própria sociedade. Trata-se efetivamente de um *“espaço... onde os alunos podem ser eles próprios”* (RCD1.53) na promoção da sua máxima grandeza. Nesta medida, torna-se uma formação plena e integral na medida em que contribui para preencher *“... muitos dos espaços vazios deixados pelas aprendizagens realizadas noutras disciplinas”* (RCD1.8). Como disciplina que *“(...) é necessária para a formação completa do aluno enquanto cidadão e pessoa”* (RCD1.9), mais do que o êxito do aluno no domínio académico, a mesma evidencia-se *“pela construção de um indivíduo feliz”* (RCD1.50).

- Ajuda a consolidar uma autêntica *cidadania e relação humana*. Ao cultivar uma “mais do que cidadania” (a “cidadania”⁷²) a disciplina de EMRC promove “...*uma educação mais virada para a diversidade dos seres humanos e para a aceitação da diferença*” (RCD1.54); favorece de um modo único e genuíno o “*conhecimento da importância da relação com o outro*” (RCD1.7) e torna-se definitivamente “*um contributo válido no saber ser e saber estar*” (RCD1.28).
- *Supletividade da educação familiar*. Um dos grandes contributos da Disciplina passa por colaborar com as famílias no projeto educativo que estas escolheram para os seus filhos. E, de facto, no espaço criado pela disciplina os jovens “... *podem tratar diferentes temáticas que preenchem muitos dos espaços vazios deixados pela educação que trazem de casa*” (RCD1.8). Trata-se pois de um “*acompanhamento que a família descursa por falta de tempo*” (RCD1.59), mas em simultâneo, uma supletividade necessária “*pela importância vital que atribui à família*” (RCD1.50).

CD 2 – As dimensões do ato educativo em EMRC – percepção dos docentes

(Questão 2. Qual das dimensões pensa ter mais importância no ato educativo religioso e moral?)

O modo como os pares percebem e enquadram o contributo da Disciplina para o projeto educativo reflete um peso significativo da dimensão ético-moral, em detrimento das dimensões religiosa e académica/cultural:

⁷² Conceito usado no Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica, por um dos oradores.

Dimensões	n.º de respostas	%
Formação ética e moral	71	92%
Formação religiosa	3	4%
Formação académica/cultural	1	1%

Quadro 2 - as dimensões do ato educativo em EMRC – percepção dos docentes

Assim, *apenas 4% dos inquiridos considera ser a formação religiosa a dimensão que assume maior relevância no ato educativo religioso e moral, inversamente à maioria que atribui primazia à formação ética e moral (92%).*

De facto, esta escolha reflete aquilo que, no senso comum, se convencionou valorizar no Ensino Religioso Escolar – precisamente a sua componente axiológica. Referimo-nos ao senso comum precisamente por ser vulgar ouvirmos dizer que a Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica “educa para valores”. Contudo, bem sabemos que esse domínio axiológico suscita apenas uma nova visão do ser humano decorrente, essa sim, da proposta religiosa que lhe é inerente. Uma tal percepção das dimensões que influenciam o ato educativo Religioso e Moral tem relação direta com a forma como se concebe o papel educativo da Disciplina de EMRC.

CD 3: Percepção dos docentes sobre os aspetos em que se enquadra melhor o papel educativo da Disciplina de EMRC?

(Questão 3. Tendo em atenção as dimensões académica/cultural, ético-moral e religiosa, em que aspetos pensa que se enquadra melhor o papel educativo da Disciplina de EMRC?)

Na percepção dos aspetos que melhor enquadram o papel educativo da Disciplina, 75% dos inquiridos considera que a mesma detém um contributo importante para *“educar para a compreensão dos conceitos de liberdade e responsabilidade”*, seguido de 70% que considera

que o seu papel passa por ***“formar os jovens para relacionamentos assentes na cooperação e solidariedade”***. Ambos os aspetos enunciados acentuam a importância que a disciplina pode assumir no domínio da experiência humana e da dimensão de interpretação ético moral, ainda que não se mostrem contributos inequívocos na dimensão da reflexão religiosa propriamente dita. Este poderá evidenciar-se através do terceiro aspeto elegido pelos respondentes e que consiste em ***“ajudar o aluno a compreender e a dialogar com outras concepções religiosas e éticas”*** (57%). Apenas 40% dos inquiridos refere que a Disciplina pode ter um papel fulcral a ***“ensinar os alunos a compreender o papel da religião na cultura”***, um aspeto que nos parece relevante na dimensão da reflexão religiosa, mas que acaba por ser percecionado como menos relevante em relação a aspetos como ***“desenvolver nos jovens uma consciência crítica face aos seus comportamentos”*** (55%), ***“promover a melhoria das relações interpessoais”*** (55%), ***“proporcionar uma reflexão sobre as motivações e consequências dos comportamentos”*** (52%), mais característicos da dimensão ético-moral.

Apenas uma minoria dos respondentes considera que a importância do papel educativo da Disciplina passa por ***“transmitir conteúdos catequéticos e doutrinários”*** (6%).

Aspetos que enquadram o papel educativo da EMRC	N.º de respostas	%
Educar para a compreensão dos conceitos de liberdade e responsabilidade	58	75%
Formar os jovens para relacionamentos assentes na cooperação e solidariedade	54	70%
Ajudar o aluno a compreender e a dialogar com outras concepções religiosas e éticas	44	57%
Desenvolver nos jovens uma consciência crítica face aos seus comportamentos	42	55%
Promover a melhoria das relações interpessoais	42	55%
Proporcionar uma reflexão sobre as motivações e consequências dos comportamentos	40	52%
Formar os jovens para o respeito pela diferença	39	51%

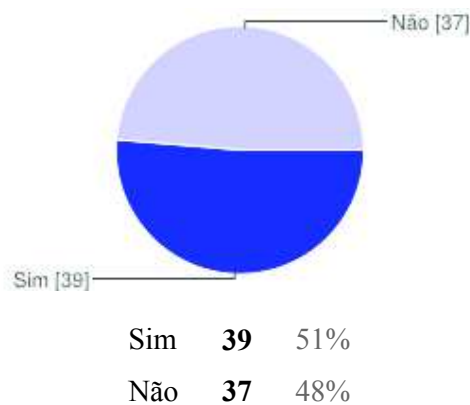
Ensinar os alunos a compreender o papel da religião na cultura	31	40%
Ensinar aos jovens ações moralmente boas que devem praticar	17	22%
Elucidar os jovens acerca de comportamentos que devem evitar	11	14%
Ensinar aos alunos conceitos básicos de religião	7	9%
Corrigir comportamentos desajustados	5	6%
Reforçar as crenças dos jovens	5	6%
Transmitir conteúdos catequéticos e doutrinários	5	6%

Quadro 3 - Percepção dos aspetos que enquadram o papel educativo da Disciplina de EMRC

CONFSSIONALIDADE

CD 4: Influência da vertente confessional na componente pedagógica

(Questão 4. Considera que a vertente confessional da disciplina interfere na sua componente pedagógica? Se respondeu SIM, como se traduz essa influência?)



Mais de metade (51%) dos respondentes reconhecem que **a confessionalidade da Disciplina interfere com a componente pedagógica**. Uma influência que se reflete, predominantemente, num convite a **viver os valores que ensina** (38%), visão que corrobora a vertente mais vivencial da Disciplina; a que se segue um aspeto também amplamente

valorizado que é o de proporcionar *elementos facilitadores do encontro entre a fé e a cultura* (22%). Na verdade ambos os aspetos sublinhados enformam a matriz identitária da disciplina, já que, se por um lado, uma formação integral carece da educação na dimensão religiosa, por outro é esta que permite buscar a chave de entendimento da própria cultura e o contributo para a construção de comunidades mais humanas.

Apenas 3% dos respondentes consideram que a confessionalidade rotula os intervenientes no processo pedagógico.

OPÇÃO PELA DISCIPLINA

CD 5: Aspetos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a escolha da Disciplina pelos alunos?

(Questão 5. De acordo com a sua visão da disciplina de EMRC, classifique os aspetos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a escolha dos alunos?)

No que à opção pela Disciplina diz respeito não deixa de ser surpreendente que os docentes inquiridos percecionem que *as atividades desenvolvidas* influenciem positivamente a escolha da mesma (90%), assim como o **perfil do professor e os temas tratados** (83%), aspetos que superam a *decisão dos alunos e dos próprios encarregados de educação* (57%). Já a *designação da disciplina* (62%) e a respetiva *identificação com a catequese* (81%) apresentam-se como aspetos que influenciam negativamente a sua escolha, funcionando como fatores que induzem a uma fraca adesão à mesma.

Aspetos	Positivo (%)	Negativo (%)
Os temas tratados na disciplina	83%	9%
O tipo de atividades realizadas	90%	5%
A designação da disciplina	19%	62%

O horário	23%	61%
O perfil do professor	83%	8%
A decisão dos alunos	57%	23%
A decisão dos Encarregados de Educação	57%	29%
O grupo em que o jovem se insere	55%	34%
Outros	8%	8%

Quadro 4 – Aspetos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a opção pela Disciplina

CD 6: Perceção dos fatores que determinam uma fraca adesão

(Questão 6. Nos casos em que se verifica uma fraca adesão à disciplina, que tipo de fatores considera mais relevantes?)

Identificação da Disciplina com a catequese	81%
O horário	49%
Atividades pouco motivadoras	34%
Perspetiva moralista	31%
O professor	25%
Falta de interesse pelos temas da Disciplina	23%
Outro	6%

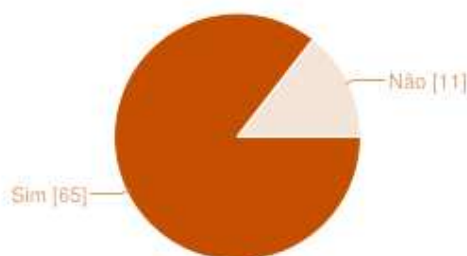
Quadro 5 – Fatores que determinam uma fraca adesão à disciplina

OPÇÃO PELA DISCIPLINA

CD 7/8: Conhecimento dos temas/assuntos abordados na Disciplina

(Questão 7. Tem conhecimento dos temas/assuntos abordados na disciplina? Se respondeu SIM, como tomou conhecimento desses assuntos?)

Questão 8. Dos temas que se seguem, retirados do programa do 2.º e 3.º ciclos, assinale aqueles de que tomou conhecimento?)



Sim 65 84%

Não 11 14%

Do total dos respondentes, 84% referiram ter conhecimento dos assuntos/temas tratados na Disciplina, tendo obtido esse conhecimento no diálogo com o professor da disciplina (55%) e/ou participação nas atividades da disciplina (40%). Entre os temas mais referidos, a maioria salienta “a pessoa e a sua dignidade” e a “adolescência e afetos” (ambos com 57%).

Temas/conteúdos	N.º	%
A pessoa humana e a sua dignidade	44	57%
Adolescência e afetos	44	57%
Advento e Natal	42	55%

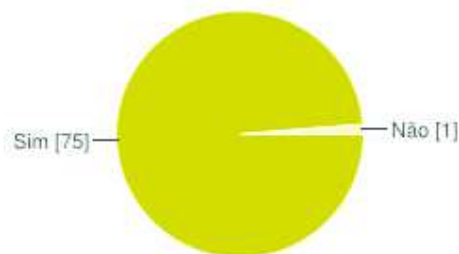
A Família – Comunidade de Amor	41	53%
A liberdade	37	48%
A diversidade religiosa: Religiões Abraâmicas/ Ecumenismo e confissões cristãs/Religiões Orientais	35	45%
O amor humano	31	40%
Viver juntos/ promover a concórdia	25	32%
A Fraternidade	23	30%
Construção de um projeto de vida	23	30%
A paz universal	21	27%
Água – Fonte de vida	20	26%
Ecologia e valores	16	21%
O Pão de cada dia (viver com o essencial)	12	16%
As origens do universo	11	14%
Respeito pelos animais	11	14%

Quadro 6 – Conhecimento dos temas/assuntos da disciplina

III - Sobre a missão do professor de EMRC⁷³

CP1/2: Perceção dos outros docentes sobre o contributo do professor de EMRC para a prossecução dos objetivos do projeto educativo

(Questão 1. Considera o trabalho desenvolvido pelo professor de EMRC válido para a prossecução dos objetivos do Projeto Educativo?)



Sim	75	97%
Não	1	1%

Um número bastante elevado (97%) dos inquiridos considera o trabalho do professor um contributo válido para a prossecução dos objetivos do projeto educativo, apontando uma diversidade de aspetos que se evidenciam esse contributo, ao tocar vertentes como a sua ação formativa (comprovada pelo trabalho junto dos alunos), o envolvimento social e comunitário, o papel que desempenha na dinâmica organizacional, no papel que assume como transmissor de cultura e a sua vertente humana e relacional. Para cada uma dessas vertentes, elencamos alguns excertos que nos parecem relevantes extraídos do questionário:

⁷³ Usaremos a sigla CP para nos referirmos aos contributos do professor, seguida do numero que identifica a questão, assim como RCP para nos referirmos às respostas sobre o contributo do professor, seguidas do número que identifica a pergunta e a respetiva resposta.

Vertentes (papel do professor)	Aspetos que evidenciam o contributo do professor de EMRC
Ação formativa	<p>O papel formativo que cabe ao professor de EMRC tem a mestria de contribuir para a “formação de cidadãos conscientes das suas escolhas presentes e futuras”(RCP1.1) sem omitir a “... grande preocupação na formação de e em valores do Evangelho”(RCP1.41). Com efeito, é desta última premissa que esse papel retira novidade, sem contudo limitar o respetivo campo de ação da primeira. Vejamos: um número significativo de respondentes reconhece que o Professor de EMRC contribui positivamente, por meio da respetiva disciplina, para a prossecução dos objetivos do projeto educativo, porque ...</p> <p>“...através das diversas atividades desenvolvidas, promove o conhecimento do aluno em si mesmo e do outro perspetivando atitudes de respeito , solidariedade, cidadania e empreendedorismo numa vertente de crescimento pessoal, social e de ação educativa e formativa(...)” (RCP1.5)</p> <p>“(...)procura sempre formar os seus alunos em todas dimensões: académicas, sociais e humanas. (...)” (RCP1.8)</p> <p>“(...) é sempre um projeto assente em valores humanos” (RCP1.9)</p> <p>“(...) intervém no âmbito da formação para a cidadania.” (RCP1.10)</p> <p>“ Através do seu exemplo e das atividades que propõe aos alunos, promove uma reflexão e um esclarecimento sobre questões essenciais ao crescimento e à formação integral do aluno”. (RCP1.13)</p> <p>“(...)assenta na valorização moral, ética e no desenvolvimento intelectual do aluno (...)” (RCP1.26)</p> <p>“ Deverá ser conciliador de um aluno reflexivo, consciente e ética e moralmente capaz” (RCP1.34)</p>
Envolvimento social e comunitário	<p>Para além do reconhecimento do seu papel formativo, o professor de EMRC é ainda valorizado pela sua participação na vida da escola...</p> <p>“(...)as atividades desenvolvidas pelo professor de EMRC e o departamento em que se insere, são pertinentes e influenciam positivamente a comunidade educativa (...)” (RCP1.12)</p> <p>“É geralmente um agente empenhado na vida da escola. Desenvolve</p>

	<p>atividades que “mexem” com a escola” (RCP1.22)</p> <p>“(…) ajudam-nos a tornarem-se cidadãos mais conscientes, mais solidários e mais responsáveis.” (RCP1.29)</p> <p>temas que facilitam “(…)caráter essencialmente inclusivo de todos os alunos” (RCP1.39)</p> <p>Este papel comunitário é especialmente valorizado pelos pares, que veem no conjunto de propostas da disciplina uma mais valia não só para o trabalho interdisciplinar, como para um bom funcionamento da dinâmica organizacional.</p>
Inserção na dinâmica organizacional	<p>Como já salientamos, se há palavra que melhor possa enquadrar o contributo da disciplina e o trabalho do professor é a palavra “serviço”. É um serviço que define um “estar disponível para...”, segundo os pares, participar na “...luta pelo fim do abandono escolar” (RCP1.7). Passa ainda pelo reconhecimento de que a disciplina é, em si, “... um serviço agregador e dinamizador do Projeto Educativo” (RCP1.37) e o “... envolvimento na vida da escola e as atividades que desenvolve enriquecem muito os objetivos do Projeto Educativo” (RCP1.16). Nesta dinâmica organizacional, é frequente encontrarmos professores de EMRC que dinamizam projetos destinados a favorecer a relação escola-família; ou iniciativas que promovem a articulação entre a escola e a comunidade (Encontros, visitas de estudo, campanhas de solidariedade). Ao nível interno, importa realçar ainda os contributos que o professor de EMRC é chamado a oferecer em sede de departamento ou nas reuniões de Conselhos de Turma.</p>
Elo de transmissão cultural	<p>Uma das primeiras bases de legitimação do Ensino Religioso Escolar é a dimensão cultural e histórica da religião. Precisamente por isso, alguns respondentes consideram que a sua principal valia é a de poder “... servir como uma base cultural/filosófica, muito importante para obrigar os jovens a pensar e a questionar o que os rodeia” (RCP1.23), ao mesmo tempo que constitui “... um porto seguro onde se deve falar sobre os valores básicos de um povo” (RCP1.11).</p>
Vertente humana e relacional	<p>A visão que, nos pares, suscita o professor de EMRC é a do diálogo e da proximidade.</p> <p>Se, por um lado, “o professor de EMRC apresenta uma perspetiva</p>

	sobre os alunos que, por vezes, é difícil aos outros docentes a terem” porque “... consegue estar mais próximo destes” (RCP1.25); por outro, consegue estar mais disponível para “... acompanhar a interiorização dos valores e da ética, expressos no diálogo e nas ações do aluno” (RCP1.32) assim como “(...) promover um perfil de aluno abarcador de uma visão e saber alargados e não truncados à sua formação científica.” Mas esta dinâmica relacional não se cinge à proximidade com os alunos, abarca o próprio diálogo interpares.
--	---

Quadro 7 - Vertentes e aspetos que evidenciam o contributo do professor de EMRC

(Questão 2. Tendo em atenção as dimensões académica/cultural, ético-moral e religiosa, em que aspetos pensa que se enquadra melhor o contributo do professor de EMRC?)

Os aspetos que, segundo os inquiridos, enquadram melhor esse contributo, centram-se sobretudo nas dimensões ético-moral e educativa, como é bem visível pela análise do quadro seguinte:

Contributos do Professor de EMRC	Dimensão	%
Desenvolvimento de consciência crítica face à influência da sociedade	Ético-moral	(78%)
Educação humana dos alunos	Educativa	(65%)
Amadurecimento das convicções	Ético-moral	(64%)
Educação integral numa relação de proximidade	Educativa	(47%)
Compreensão e diálogo com outras conceções religiosas e éticas	Religiosa	(45%)
Cooperação com objetivos educativos e reforço da interdisciplinaridade	Educativa	44%
Preparar para o exercício da liberdade religiosa	Religiosa	(39%)

Compreender o sentido último da realidade e da própria existência humana	Religiosa	(34%)
Compreender o papel da religião na cultura	Religiosa	(30%)
Colaborar com as famílias na missão educativa	Educativa	(23%)
Esclarecer acerca da importância do fenómeno religioso	Religiosa	(9%)

Quadro 8 - Perceção dos contributos do professor de EMRC, por dimensão

Nesta perceção dos contributos do professor por dimensão não se pode deixar de estranhar uma reduzida valorização dos aspetos que nos parecem verdadeiramente estruturantes do trabalho desenvolvido pelo professor de EMRC, designadamente o contributo para *“esclarecer os alunos sobre a importância do fenómeno religioso”* (9%).

CP 3. Perceção dos outros docentes sobre o que é distintivo num professor de EMRC

(Questão 3. O que pensa ser distintivo num professor de EMRC?)

Apesar de a perceção dos contributos do professor por dimensão salientar uma maior valorização da dimensão ético-moral em detrimento da dimensão religiosa, questionados sobre o que é distintivo num professor de EMRC a resposta é claramente contrastante. De facto, muitos dos inquiridos assumem que o que é distintivo no professor de EMRC é o facto de ser um *“promotor da capacidade reflexiva dos alunos em matéria religiosa e ético-moral”* (75%). Esta perceção é tanto mais relevante quanto mais se entender que cabe à disciplina a tarefa de contribuir para um correto exercício da liberdade religiosa, em virtude de possibilitar essa escolha mediante uma consciência esclarecida (importa lembrar que, ainda que o aluno faça uma opção por não ser crente, a dimensão religiosa permanece estruturante do ser humano).

Para além de promotor da capacidade reflexiva, verificamos que outro dos aspetos distintivos percecionado pelos pares é o de ser *“um dinamizador das relações humanas”* (74%). Esta valorização do sentido de humanidade (que voltará a ser referido em segundo lugar quando pedimos para caraterizar o perfil do professor de EMRC) para além de representar um reconhecimento por um contributo que marca a diferença (o professor de EMRC assume-se como um portador de uma proposta que realmente humaniza a cultura), destaca a própria importância da disciplina na vida da escola e na vida dos alunos.

Aspetos distintivos num professor de EMRC	N.º	%
Um promotor da capacidade reflexiva dos alunos em matéria religiosa e ético-moral	58	75%
Um dinamizador das relações humanas	57	74%
Um elemento da comunidade educativa auto-implicado em matéria religiosa (perspetiva vivencial) e que facilita a auto-implicação dos alunos.	26	34%
Um educador da consciência moral da pessoa	26	34%
Um profissional que proporciona cultura religiosa	10	13%
Um exemplo de liberdade	5	6%
Não há nada de distintivo num professor de EMRC	3	4%

Quadro 9 - Aspetos distintivos num professor de EMRC

CP 4. Caraterização do perfil do professor de EMRC

(Questão 4. Qual das afirmações lhe parece mais ajustada à caraterização do perfil do professor de EMRC?)

Para um número significativo de respondentes, a afirmação mais ajustada à **caraterização do perfil do professor de EMRC**, é a de que o mesmo é *“um testemunho de*

fé, alegria e humanidade” (38%) e só uma percentagem reduzida refere tratar-se de *“uma pessoa crente”* e *“... bem preparada cientificamente”* (3%). De facto, o que se exige a um professor de uma qualquer área disciplinar também se exige ao professor de EMRC. Referimo-nos, concretamente, ao domínio da relação pedagógica, ao qual correspondem muitos dos aspetos que aqui são percecionados como primordiais designadamente *“uma pessoa com um elevado sentido de humanidade”* (23%), *“uma pessoa especialmente atenta ao que se passa na comunidade educativa”* (18%). Depreendemos deste quadro de caracterização que se o professor de EMRC não for um testemunho autenticamente crente e que irradie a alegria da proposta que transmite, de nada serve ser uma pessoa bem preparada cientificamente.

Caraterização do perfil do professor de EMRC	N.º	%
Um testemunho de fé, alegria e humanidade	29	38%
Uma pessoa com um elevado sentido de humanidade	18	23%
Uma pessoa especialmente atenta ao que se passa na comunidade educativa	14	18%
Uma pessoa que vive o que ensina	8	10%
Uma pessoa crente	2	3%
Uma pessoa bem preparada cientificamente	2	3%
Nenhuma das afirmações é ajustada à caraterização do perfil do professor de EMRC	1	1%

Quadro 10 - Caraterização do perfil do professor de EMRC

CP 5. Perceção dos outros docentes sobre a participação do docente de EMRC na vida escolar

(Questão 5. Como considera ser a participação do professor de EMRC na vida da escola?)

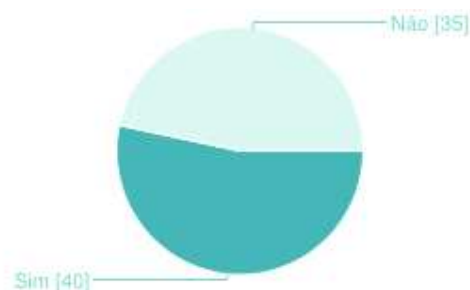
Um dos aspetos que melhor caracteriza o professor de EMRC é a sua *disponibilidade para colaborar* (60%), sendo visto, muitas vezes, como “... *alguém dinâmico e ativo*” (57%). Estes aspetos referentes à participação do professor na vida da escola sublimam a missão do professor de EMRC e fazem do serviço o seu mais poderoso testemunho de fê e de vida. É esta abertura que suscita proximidade e relação para promover iniciativas conjuntas, para encetar diálogo sobre temas fraturantes ou simplesmente sobre temas e assuntos do programa, para mediação de conflitos ou para criação de canais privilegiados entre a escola e a família. Simultaneamente, é através da participação na vida da escola que os pares aprofundam o conhecimento da disciplina e da sua proposta educativa, e que o professor exerce de modo eficaz (mesmo se exigente) o seu ministério.

Participação do professor de EMRC na vida da Escola	N.º	%
É alguém disponível para colaborar	46	60%
É alguém dinâmico e ativo	44	57%
É um elemento facilitador na resolução de conflitos	18	23%
É alguém com pouca presença na escola	3	4%
É alguém pouco aberto ao diálogo sobre temas fraturantes	2	3%

Quadro 11 - Perceção dos outros docentes sobre a participação do docente de EMRC na vida escolar

CP 6: Influência da vertente confessional no exercício profissional

(Questão 6. Considera que a vertente confessional da disciplina interfere no exercício profissional do professor? Se respondeu SIM, como se traduz essa influência?)



Sim	40	52%
Não	35	45%

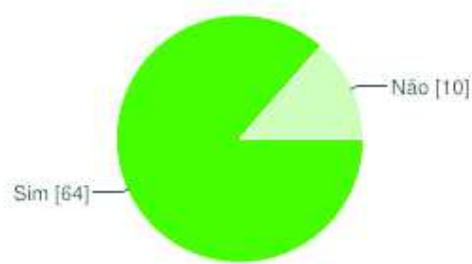
No que ao professor diz respeito, os pares admitem que haja influência da vertente confessional na própria profissionalidade docente (52%), considerando que essa passa por *fazer do testemunho* (de pessoa crente) *uma forma de pedagogia* (27%).

Na verdade, o professor de EMRC é um elemento da comunidade educativa auto-implicado em matéria religiosa e que acompanha, possibilita e facilita (sempre que possível) a auto-implicação dos alunos. Desse modo, ser crente enquadra o perfil do professor, ainda que não o dos alunos. O aspeto vivencial é assim um requisito para que o desempenho profissional do docente seja apresentado de forma coerente e comprometida.

Apenas uma minoria considera que a respetiva confessionalidade “...*condiciona as práticas pedagógicas do professor*” (3%).

CP 7: Diálogo dos pares com o professor de EMRC

(Questão 7. Costuma dialogar com o professor de EMRC? Se respondeu SIM, em que circunstâncias acontece esse diálogo?)



Sim **64** 83%

Não **10** 13%

A propósito do diálogo interpares, importa elencar algumas das circunstâncias que, segundo os inquiridos, são propiciadoras do mesmo, designadamente o *planeamento de atividades conjuntas* (49%) ou o *estabelecimento de parcerias pedagógicas* (42%). Não raras vezes é também nesta interação pedagógica que se mostra o verdadeiro “rosto” da Disciplina, com a sua genuína proposta educativa. Através de múltiplos exemplos de trabalho interdisciplinar (elencados no ponto seguinte), salienta-se e reconhece-se o contributo valioso da disciplina de EMRC, a algo que de um modo peculiar somos chamados a construir: uma nova e renovada solidariedade.

Só uma minoria recorre a esse diálogo para *resolução de questões disciplinares* (12%) ou para *mediação de situações de conflito* (12%).

Circunstância para o Diálogo	N.º	%
Para planejar atividades conjuntas	38	49%
Para parcerias pedagógicas (preparação de conteúdos transversais)	32	42%
Para debater assuntos de cariz cultural	22	29%
Para debater assuntos de matéria religiosa	17	22%
Para partilhar assuntos de natureza pessoal	14	18%
Para estabelecimento de canais escola – família	9	12%
Para resolver questões disciplinares	9	12%
Para mediar situações de conflito	9	12%

Quadro 12 - Circunstância que propiciam o diálogo com o professor de EMRC

CP 8: Formas de cooperação interdisciplinar

(Questão 8. Dos exemplos de trabalho interdisciplinar (...) escolha aqueles em que a disciplina se mostrou um contributo valioso para o Projeto de Turma/Plano de Atividades/Projeto Educativo?)

Como já tivemos oportunidade de salientar, a participação na vida da escola mostra-se crucial para que o professor de EMRC desempenhe com sucesso a sua missão. Essa participação passa essencialmente por encetar formas de cooperação interdisciplinar que vão desde a promoção de *campanhas de solidariedade* (70%), *visitas de estudo* (47%) e *desenvolvimento de projetos* (45%) ou outras, enquadradas no espírito de escola católica (*celebrações da palavra, peregrinações e encontros*).

Formas de cooperação interdisciplinar	N.º	%
Campanhas de solidariedade	54	70%
Visitas de estudo	36	47%
Desenvolvimento de projetos	35	45%
Palestras/colóquios/conferências	20	26%
Outras (celebrações da palavra, peregrinações e encontros)	7	9%

Quadro 13 - Perceção dos pares sobre as formas de cooperação interdisciplinar

6-Conclusões e considerações finais

Gostaríamos que as conclusões, que este trabalho permite retirar, servissem para um melhor conhecimento do “ambiente humano” que rodeia, nas escolas, os docentes de EMRC, permitindo-lhes, no cumprimento da sua missão, tirar as devidas ilações que levassem a melhores práticas e a um desempenho mais eficaz, dentro da matriz cristã, que deve servir de bússola em toda a atividade como cidadãos e como docentes.

A primeira constatação que podemos retirar é a de que o professor de EMRC é, antes de tudo, um ser humano, com as suas fraquezas, os seus problemas, as suas circunstâncias. E com elas deve dar as suas aulas, testemunhando que, por meio da própria fragilidade, Deus construiu possibilidade de uma nova humanidade. Os pares e demais atores educativos vêm no professor de EMRC alguém portador de humanidade. Alguém que trata os outros como pessoas e não como números, clientes ou objetos de pesquisa. O professor de EMRC deve ser, e deve mostrar aos seus alunos, aquilo que é. É esse o seu primeiro testemunho e a base de legitimação e reconhecimento. O reconhecimento de que a disciplina de EMRC contribui para uma melhoria e para um amadurecimento do ser pessoa é atestado por um número significativo de respondentes. Se é certo que o potencial de uma disciplina pode ser medido pela sua capacidade humanizadora, não é menos verdade que a disciplina de EMRC muito tem contribuído nesta matéria. Em prol de um dos grandes desafios da humanidade, e um dos pilares da UNESCO – “aprender a viver juntos” – à disciplina cabe uma particular responsabilidade pela educação na e para a tolerância, não entendida como uma mera aceitação passiva do que é diferente, mas como concretização de uma verdadeira “ética do cuidado”.

A segunda constatação prende-se com aquilo que os pares “vêm” quando olham para o professor de EMRC: alguém fiável, fruto principalmente da essência daquilo que transmite. Alguém com quem se pode contar e em quem se pode confiar. O estudo reflete de maneira

significativa o papel de “ombro amigo” ou de “ouvinte privilegiado” que os pares reconhecem no professor de EMRC. E a fiabilidade, aqui referida no sentido de alguém fiel aos compromissos é também uma das marcas do papel do professor. E numa sociedade cuja tendência é a relativização de valores, isto pode e deve ser uma mais valia do professor de EMRC.

A terceira, talvez a mais importante, decorre do estudo revelar que os pares vêem no professor de EMRC alguém em quem se reconhece a capacidade de tornar os seus alunos melhores pessoas. Mais do que pessoas mais instruídas, melhores pessoas. Surpreendentemente, ou talvez não, esta capacidade de melhorar os seus alunos, assenta (segundo essa mesma perceção) em critérios que são mais do domínio da cidadania do que da proposta de educação da dimensão religiosa. Há a constatar, através de algumas respostas sobre o contributo da disciplina, que os pares percecionam no seu papel educativo uma ponte cultural entre os valores do cristianismo e os valores da cidadania. Privilegiam uma, se assim a podemos chamar, laicização dos valores religiosos, ou uma reflexão religiosa meramente informativa e superficial.

Seria oportuno, daí também a pertinência deste estudo, despertar para um correto entendimento da proposta educativa inerente à disciplina, da razão de ser da sua confessionalidade e da sua presença legítima na escola, da urgência em dar a conhecer os seus conteúdos, o seu projeto pedagógico e a sua matriz identitária, compreendendo que a mesma contempla um projeto antropológico centrado na felicidade humana e na promoção do bem comum. Com esse entendimento, talvez o trabalho desenvolvido nas aulas de EMRC resultassem numa “progressão geométrica” do Bem. Ao contrário da “boa acção” que geralmente, se passa em circuito fechado, “de mim para ti e de ti para mim”, esta “progressão” teria o resultado do bem se espalhar e crescer rapidamente. Bastaria para isso, acolhermos a existência do outro e partilhá-la. Mas principalmente fazermos “fé” no nosso semelhante. De certa maneira dizermos-lhe: és dos nossos, sentiste o Bem, propaga-o e sente-

te feliz por isso. Lembrar a necessidade de nos abeirarmos daqueles que sofrem e com eles sofreremos também, nesta fraternidade humana que partilhamos, sendo misericordiosos e compassivos, duas virtudes de tão profunda raiz e inspiração cristã.

Julgamos poder afirmar que uma visão, à luz dos valores e mensagem cristãs, dos problemas do nosso quotidiano é bem-vinda ao espaço escolar, diríamos até que desejada por uma parte dos nossos pares. Com efeito, a presença do professor de EMRC na escola humaniza-a e dá-lhe contextos de fé e esperança. O professor de EMRC pode, efetivamente, servir de elo de ligação entre sensibilidades diferentes, “amortecer” situações potencialmente conflituosas e proporcionar a existência na escola de um ambiente mais feliz e solidário.

Em jeito de consideração, mais do que indicar caminhos ou simples trilhos já traçados, deixemos uma interrogação fundamental: qual é o desafio antropológico da educação? E que tipo de ser humano ambiciona a fé cristã gerar?⁷⁴

Julgamos que a forma como conseguirmos cumprir a nossa missão de educadores e testemunhas credíveis, poderá ser um bom contributo para a geração de mais humanidade nos seres humanos.

As possíveis conclusões que podemos retirar deste nosso trabalho, circunscrevem-se, obviamente ao ambiente do estudo, o Externato Marista de Lisboa. Não podemos de deixar de considerar que seria positivo um estudo que permitisse abordar estas questões num âmbito mais alargado.

⁷⁴ Cf. G. COQ, “Modelos de sistemas educativos na Europa de hoje”, 67.

Bibliografia

Documentos do Magistério da Igreja

COMISSÃO EPISCOPAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, “Educação cristã, um itinerário para a vida”, in *Pastoral Catequética*, 1 (2005) 5-7.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (*Gaudium et Spes*), Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Nota sobre a Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2006.

PAULO VI, Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo (*Evangelii Nuntiandi*), in
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi_po.html (acedido em 5 de outubro de 2014).

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, (*Ecclesia in Europa*), in
http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.html, (acedido em 30 de julho de 2015)

BENTO XVI, “XX Jornada Mundial da Juventude-Santa Missa na esplanada de Marienfeld, Alemanha”, in http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050821_20th-world-youth-day.html (acedido em 29 de julho de 2015).

BENTO XVI, *Discurso na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura em 2008*, Vaticano, in <http://www.zenit.org/pt/articles/bento-xvi-e-o-desafio-da-secularizacao> (acedido em 5 de outubro de 2014).

BENTO XVI, Carta Encíclica sobre o desenvolvimento humano integral (*Caritas in Veritate*), Paulinas Editora, Prior Velho, 2009.

FRANCISCO, Exortação Apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo actual (*Evangelii Gaudium*), Paulus Editora, Lisboa, 2013.

Estudos

AMBRÓSIO, Juan, “A educação moral e religiosa católica na escola pública” in *Communio*, 5 (2001) 79-87.

AMBRÓSIO, Juan, *Textos de Apoio às aulas de Didática Específica de EMRC: Identidade e Finalidades da Disciplina de EMRC*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2011.

ARENDS, Richard, *Aprender a ensinar*, 7ª ed., Mc Graw Hill, Madrid, 2008.

BAGNASCO, Cardeal Angelo, “A Igreja em defesa da escola”, in *Pastoral Catequética*, 27 (2013), 47-54.

BERGOGLIO, J. (Papa Francisco), M.; SKORKA, A.; FIGUEIROA, M., “A Dignidade”, in *Coleção Diálogos de fé*, Saraiva Editores, S. Paulo, 2014.

BERGOGLIO, J. (Papa Francisco), *Educar: para uma esperança ativa*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2015.

CABRAL, Rúben, “Que Escola? O Lugar da Escola na Formação da Pessoa”, in FORUM DO ENSINO RELIGIOSO ESCOLAR, *Pessoa cultura fé*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, 35-55.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela, M., *Metodologia da Investigação: guia para auto-aprendizagem*, Universidade Aberta, Lisboa, 1998.

CASTELLS, Manuel, *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004.

COQ, Guy, “Modelos de sistemas educativos na Europa de hoje. Estabelecer um referencial. Educação e democracia: uma relação problemática?”, in *Pastoral Catequética*, 23 (2012) 43-68.

FOSSION, André, “Que formação cristã para o corpo docente? Que competências ter em vista?”, in *Pastoral Catequética*, 27 (2013), 81-97.

FREITAS, Domingos, “A experiência na educação religiosa”, in *Brotéria*, 151 (2000) 29-36.

MOREIRA, Adriano, ”O Mundo e os Desafios da Educação”, in FORUM DO ENSINO RELIGIOSO ESCOLAR, *Pessoa cultura fé*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, 25-34.

NUNES, D. Tomás Silva, “O lugar do Ensino Religioso Escolar”, in *Pastoral Catequética*, 19 (2011) 117-126.

PEDRINHO, Dimas Oliveira, “Competência científica e competência educativa do professor de EMRC”, in *Pastoral Catequética*, 21/22 (2011-2012) 21-36.

PONS, Pascual Maymí, *Pedagogía de la Fe*, Ediciones San Pio X, 1998.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa, 1998.

SANTOS, D. António dos Santos, “O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional”, in *Pastoral Catequética*, 21/22 (2011-2012) 9-19.

TEIXEIRA, Alfredo, “A cultura religiosa na escola” in *Pastoral Catequética*, 5 (2006) 41-67.

Outros Documentos

COMISSÃO INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI, *Educação um tesouro a descobrir*, Edições ASA, 1996.

EXTERNATO MARISTA DE LISBOA, Projeto Educativo 2010/2011 – 2013/1014 (PEEML), publicado in http://www.ext.marista-lisboa.org/docs/Projecto_Educativo.pdf, (acedido a 29 de dezembro de 2012).

PRENSKY, Marc, “Digital Natives, Digital Immigrants” - From *On the Horizon* - MCB UniversityPress-
<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-> (consultado em 20 de Setembro de 2015).

RATZINGER, Joseph (Cardeal Decano do Colégio Cardinalício), “Santa Missa «*pro eligendo romano pontífice*» na Basilica de S. Pedro no Vaticano), in
http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html
(acedido em 29 de julho de 2015)

Anexos

Questionário

Este questionário surge no âmbito da Dissertação do Mestrado em Ciências Religiosas, subordinada ao tema “**O PROFESSOR DE EMRC VISTO PELOS PARES – um contributo para a compreensão do papel do professor de Educação Moral e Religiosa Católica**”, e pretende ser uma peça fundamental na resposta e compreensão da pergunta implícita no título do tema da dissertação de mestrado.

Nesse sentido, solicitamos a sua ajuda, pedindo que dedique alguns minutos do seu tempo ao preenchimento deste documento. As respostas são pessoais e anónimas, não existindo respostas corretas ou incorretas. Agradecemos desde já a sua colaboração, sem a qual não será possível a conclusão deste trabalho.

José Paulo Pereira

I - DADOS PESSOAIS

1. Idade

Menos de 30 anos Entre 30 e 39 anos Entre 40 e 49 anos
Entre 50 e 59 anos 60 anos ou mais

2. Sexo

Masculino
Feminino

3. Departamento Curricular

Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Línguas

Departamento de Português

Departamento de Matemática e Ciências Experimentais

Departamento de Artes e Tecnologia

Departamento de Educação Física

Departamento de 1º Ciclo e pré Escolar

II - SOBRE O CONTRIBUTO DA DISCIPLINA

(as questões que se seguem pretendem oferecer uma visão sobre os contributos da disciplina)

1. Considera a Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) um contributo válido para a formação dos alunos?

Sim

Não

Justifique a sua resposta:

2. Qual das dimensões pensa ter mais importância no ato educativo religioso e moral:

- a) A formação académica/cultural
- b) A formação ética e moral
- c) A formação religiosa

3. Tendo em atenção as dimensões académica/cultural, ético-moral e religiosa, em que aspectos pensa que se enquadra melhor o seu papel educativo (assinale, no máximo, 5):

- Promover a melhoria das relações interpessoais
- Elucidar os jovens acerca de comportamentos que devem evitar
- Corrigir comportamentos desajustados
- Proporcionar uma reflexão sobre as motivações e consequências dos comportamentos
- Educar para a compreensão dos conceitos de liberdade e responsabilidade
- Ensinar aos jovens ações moralmente boas que devem praticar
- Formar os jovens para relacionamentos assentes na cooperação e solidariedade

- Formar os jovens para o respeito pela diferença
- Desenvolver nos jovens uma consciência crítica face aos seus comportamentos
- Ensinar os alunos a compreender o papel da religião na cultura
- Transmitir conteúdos catequéticos e doutrinários
- Reforçar as crenças dos jovens
- Ensinar aos alunos conceitos básicos de religião
- Ajudar o aluno a compreender e a dialogar com outras concepções religiosas e éticas

4. Considera que a vertente confessional da disciplina interfere na sua componente pedagógica?

Sim

Não

Se respondeu sim, como se traduz essa influência:

- Por ser confessional convida a viver os valores que ensina
- Por ser confessional remete para conteúdos catequéticos
- Por ser confessional rotula os intervenientes no processo pedagógico
- Por ser confessional fornece elementos facilitadores do encontro entre a fé e a cultura

5. De acordo com a sua visão da disciplina de EMRC, classifique os aspectos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a escolha dos alunos:

	Positivo	Negativo
Os temas tratados na disciplina	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

O tipo de atividades realizadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A designação da disciplina	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O horário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O perfil do professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A decisão dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A decisão dos Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O grupo em que o jovem se insere	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se respondeu “Outros”, indique quais:

6. Nos casos em que se verifica uma fraca adesão à disciplina, que tipo de factores considera mais relevantes:

Actividades pouco motivadoras	<input type="checkbox"/>
Falta de interesse pelos temas da disciplina	<input type="checkbox"/>
Perspectiva moralista	<input type="checkbox"/>
Identificação da disciplina com a catequese	<input type="checkbox"/>
O horário	<input type="checkbox"/>
O Professor	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>

7. Tem conhecimento dos temas/ assuntos abordados na disciplina?

Sim

Não

Se respondeu sim, como tomou conhecimento desses assuntos?

- O professor fala desses temas com os colegas
- Porque tenho filhos, familiares ou amigos inscritos na disciplina
- Através dos alunos que se encontram inscritos
- Devido à participação nas atividades desenvolvidas pela disciplina

8. Dos temas que se seguem, retirados do programa dos 2.º e 3.º ciclos, assinale aqueles de que tomou conhecimento: +

- A pessoa humana e a sua dignidade
- Água – Fonte de vida
- Viver juntos/ promover a concórdia
- A Fraternidade
- Advento e Natal
- A Família – Comunidade de Amor
- O Pão de cada dia (viver com o essencial)
- Respeito pelos animais
- A diversidade religiosa: Religiões Abraâmicas/ Ecumenismo
e confissões cristãs/ Religiões orientais
- As origens do universo
- Ecologia e valores
- A liberdade
- A paz universal
- Construção de um projecto de vida
- Adolescência e afectos
- O amor humano

III - SOBRE A MISSÃO DO PROFESSOR DE EMRC

(as questões que se seguem incidem essencialmente no trabalho que é desenvolvido pelo professor de EMRC)

1. Considera o trabalho desenvolvido pelo professor de EMRC válido para a prossecução dos objetivos do Projeto Educativo?

Sim

Não

Justifique a sua resposta:

2. Tendo em atenção as dimensões académica/cultural, ético-moral e religiosa, em que aspectos pensa que se enquadra melhor o seu contributo (assinale, no máximo, 5):

- Propõe dinâmicas que suscitam o exercício da reflexão e a maturação das próprias convicções pessoais
- Permite preparar o aluno para o exercício da liberdade religiosa com conhecimento de causa
- Favorece a educação integral numa relação de proximidade
- Favorece a educação humana dos alunos
- Colabora com as famílias na missão educativa
- Coopera nos objetivos educativos propostos pela escola e reforça a interdisciplinaridade
- Esclarece os alunos acerca da importância do fenómeno religioso

- Ajuda os alunos a desenvolver uma consciência crítica
face aos seus comportamentos e à influência da sociedade
- Ensina os alunos a compreender o papel da religião na cultura
- Ajuda o aluno a compreender e a dialogar com outras conceções
religiosas e éticas, características de uma sociedade plural e democrática
- Ajuda o aluno a compreender o sentido último da realidade
e da própria existência humana

3. O que pensa ser distintivo num professor de EMRC? (assinale, no máximo, três alíneas)

- Um dinamizador das relações humanas
- Um exemplo de liberdade
- Um elemento da comunidade educativa auto-implicado em matéria religiosa
(perspetiva vivencial) e que facilita a auto-implicação dos alunos
- Um profissional que proporciona cultura religiosa
- Um educador da consciência moral da pessoa
- Um promotor da capacidade reflexiva dos alunos
em matéria religiosa e ético-moral

4. Qual das afirmações lhe parece mais ajustada à caracterização do perfil do professor de EMRC?

- Um testemunho de fé, alegria e humanidade

- Uma pessoa crente
- Uma pessoa bem preparada cientificamente
- Uma pessoa com um elevado sentido de humanidade
- Uma pessoa especialmente atenta ao que se passa na comunidade educativa
- Um servidor da pessoa
- Uma pessoa que vive o que ensina
- Nenhuma das afirmações apresentadas é ajustada à caracterização do perfil do professor de EMRC

5. Como considera ser a participação do professor de EMRC na vida da escola:

- É alguém disponível para colaborar
- É alguém com pouca presença na escola
- É alguém dinâmico e ativo
- É um elemento facilitador na resolução de conflitos
- É alguém pouco aberto ao diálogo sobre temas fraturantes

6. Considera que a vertente confessional da disciplina interfere no exercício profissional do professor?

Sim

Não

Se respondeu sim, como se traduz essa influência:

- Pelo facto de ser confessional faz do testemunho uma forma de pedagogia

- Pelo facto de ser confessional condiciona as práticas pedagógicas do professor
- Pelo facto de ser confessional o professor é confundido com o catequista
- Vincula o professor às posições oficiais a que respeita essa mesma confissão
- Exige-lhe preparação e atualização dos temas fraturantes
que dizem respeito à sociedade

7. Costuma dialogar com o professor de EMRC

Sim

Não

Se respondeu sim, em que circunstâncias acontece esse diálogo?

- Para planear atividades conjuntas
- Para parcerias pedagógicas (preparação de conteúdos transversais)
- Para resolver questões disciplinares
- Para mediar situações de conflito
- Para estabelecimento de canais escola – família
- Para debater assuntos de matéria religiosa
- Para debater assuntos de cariz cultural
- Para debater assuntos de natureza pessoal

8. Dos exemplos de trabalho interdisciplinar abaixo apresentados, escolha aqueles em que a disciplina se mostrou um contributo valioso para o Projeto de Turma/ Plano de Atividades/ Projeto Educativo

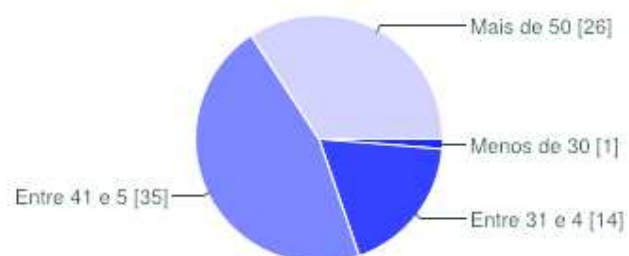
- | | |
|-----------------------------------|--------------------------|
| Campanhas de solidariedade | <input type="checkbox"/> |
| Visitas de estudo | <input type="checkbox"/> |
| Desenvolvimento de Projetos | <input type="checkbox"/> |
| Palestras/colóquios/ conferências | <input type="checkbox"/> |
| Outros | <input type="checkbox"/> |

Se escolheu “Outros” diga qual ou quais:

Respostas ao Questionário

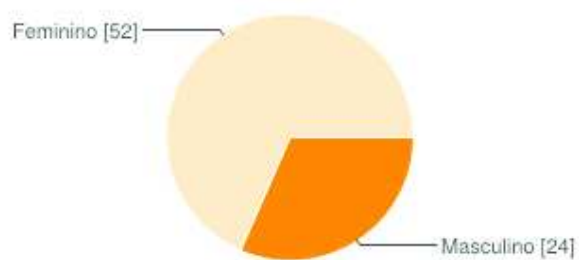
I - DADOS PESSOAIS

1 - Idade



Menos de 30	1	1%
Entre 31 e 4	14	18%
Entre 41 e 5	35	45%
Mais de 50	26	34%

2 - Sexo



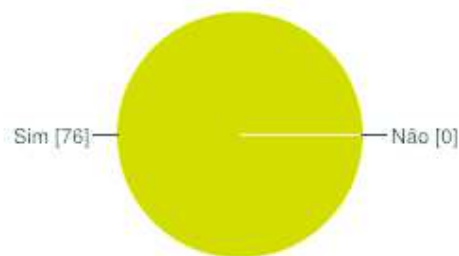
Masculino	24	31%
Feminino	52	68%

3 - Departamento Curricular

Departamento de Ciências Sociais e Humanas	19	25%
Departamento de Línguas	5	6%
Departamento de Português	5	6%
Departamento de Matemática e Ciências Experimentais	19	25%
Departamento de Artes e Tecnologia	10	13%
Departamento de Educação Física	9	12%
Departamento de 1º Ciclo e Pré-Escolar	6	8%

II - SOBRE O CONTRIBUTO DA DISCIPLINA

1 - Considera a Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) um contributo válido para a formação dos alunos?



Sim 76 99%

Não 0 0%

Justifique a sua resposta

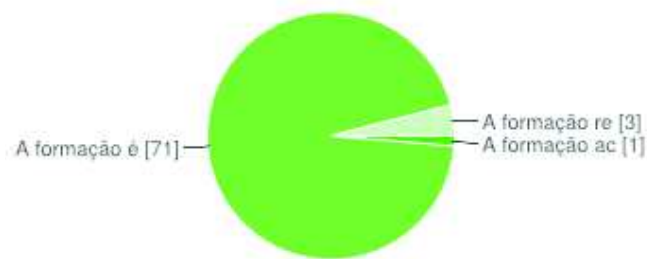
- Complementa a formação dos alunos, proporcionando-lhes uma dimensão no domínio da religião e da ética não proporcionado por outra qualquer disciplina.
- Fomenta a aquisição de valores morais e humanos cada vez menos transmitidos pelas famílias.
- Promove o desenvolvimento pessoal, cultural, social e religioso.
- Pode dar valores que os pais dos alunos não lhes dão.

- É dever de qualquer professor inculcar valores nos seus alunos e tentar fazer deles cidadãos honestos e responsáveis. Os professores de Moral são sempre os primeiros a interagir com os outros professores com rumo a este objetivo comum.
- Oportunidade de reflectir sobre questões morais; Aprofundar a contribuição das diferentes religiões para o Homem e a sociedade; Aproximar os jovens da Igreja.
- Conhecimento das religiões; - Conhecimento do catolicismo; - Transmissão de valores; - Conhecimento da importância da Vida e da saúde. - Conhecimento da importância da relação com o outro.
- Porque é uma disciplina onde se podem tratar diferentes temáticas que preenchem muitos dos espaços vazios deixados quer pela educação que trazem de casa (em muitos casos), quer pelas aprendizagens realizadas noutras disciplinas
- A disciplina é necessária para a formação completa do aluno enquanto cidadão e pessoa.
- Os valores transmitidos são fundamentais para a formação dos alunos.
- Na medida em que intervém no âmbito da formação para a cidadania.
- Porque desenvolve competências ao nível do relacionamento com os outros, o partilhar, o respeitar as diferenças, para além de conhecimentos acerca de outros inúmeros assuntos (exº: história de religiões, tipos de religiões existentes, etc)
- O internato tem como carisma uma larga componente religiosa. Assim EMRC é fundamental para um crescimento pleno de cada aluno.
- A disciplina é a única que, no corrente tecido curricular, advoga a aprendizagem e aplicação de princípios e valores de índole humanista, além de dar a conhecer vários aspetos associados à religião católica, à história da humanidade, ao ecumenismo e ao papel de cada um numa sociedade mais justa e equilibrada.
- A formação pessoal é o pilar do ser humano e para tal esta disciplina que permite inculcar e consolidar valores morais e espirituais torna-se uma mais valia.
- Reflexão sobre valores universais e abertura ao ecumenismo.
- É uma vertente da formação dos alunos que importa trabalhar, tendo em conta os "tempos atuais" em que a família tem tido menos tempo para transmitir valores corretos às crianças e jovens.
- Pelos temas que encerra. Como a sua formação pessoal e religiosa que são fundamentais para o seu futuro enquanto pessoa. Valores que hoje em dia os EE não tem a oportunidade de passar, como o cuidado a ter com os outros, a tolerância, a solidariedade,
- Permite refletir sobre questões essenciais para o crescimento integral do jovem.
- Para uma educação plena e integral.
- Fornece valores essenciais ao desenvolvimento dos alunos enquanto pessoas.
- Acho que é muito importante. Permite desenvolver competências pessoais e sociais muito importantes para o seu papel como indivíduos na sociedade.
- A formação integral dos alunos é fundamental e a disciplina de EMRC é fundamental nesta área.
- Porque possibilita o desenvolvimento de valores e atitudes de cidadania, fomentando questões de natureza ética.

- Aprendem a relacionar-se e a respeitar-se a si e aos outros, aprendem e consolidam valores e comportamentos.
- É uma disciplina onde se aprende os valores da convivência e do respeito pelo outro
- Porque aborda a dimensão ética e moral além da religiosa.
- É um contributo válido no saber Ser e saber Estar.
- Na escola é importante que haja um espaço e um momento para a reflexão do que é ser pessoa na sociedade, do que é estar com os outros, um momento onde os alunos possam exprimir e partilhar as suas opiniões e sentimentos.
- A disciplina de EMRC faz parte da formação pessoal de um indivíduo
- Crescimento pessoal e espiritual
- Porque transmitem competências que outras disciplinas nunca o poderão transmitir. O Apelo á interioridade, à experiência de encontro pessoal consigo, com o outro e com o transcendente.
- É uma disciplina essencial para ajudar os alunos a compreender a importância da formação ética e moral do ser humano.
- Formação pessoal, social, espiritual, espírito crítico.
- Informação sobre o contexto cultural em que nos situamos Formação pessoal
- A educação Moral e Religiosa Católica é muito importante na transmissão de valores.
- Porque é sem dúvida uma ajuda eficaz num tempo de gritante falta de valores.
- A abordagem de temas que fazem parte da organização pessoal e social ético-morais contribuem decisivo para a interiorização de valores, normas e a necessidade da sua concretização.
- A nível cultural, argumentativo, social e ético.
- De acordo com o programa da disciplina, os alunos poderão usufruir de uma educação integral, em todas as dimensões da pessoa.
- Porque transmite e reforça valores que ajudam os alunos a serem melhores cidadãos.
- Importante no desenvolvimento de competências de âmbito pessoal
- Porque transmite valores e hoje em dia não se verifica muito essa transmissão por parte dos pais
- Hoje é mais que importante que a juventude escute e discuta a ética e a moral nos diversos âmbitos do seu viver.
- Deve fazer parte da formação global do aluno. A nossa cultura é de matriz judaico-cristã, mesmo os que não professam qualquer religião.
- A formação integral de qualquer aluno é um dos pilares básicos no seu processo de identificação e crescimento pessoal.
- Ter um espaço onde se falem de princípios morais, família, amizade, adolescência, entre outros temas, ainda que sob um ponto de vista religioso, parece-me contribuir para a formação de cidadãos com princípios.
- Na medida em que complementa a visão do mundo que é desenvolvida noutras disciplinas.
- O Homem é também espírito, e precisa de uma educação Moral desde a infância.

- Pelos valores que transmite, pela importância vital que atribui à família, pela construção de um indivíduo feliz.
- Sim, claro, principalmente em termos de cidadania.
- Pode permitir uma visão do mundo à luz da fé cristã; Permite uma aferição do comportamento à luz de valores essenciais.
- Esta disciplina é fundamental para que os alunos possam ter um espaço onde possam ter "liberdade" de expressar os seus sentimentos, angústias, medos, desejos, etc.... É AQUELA aula especial, onde os alunos podem ser eles próprios.
- Porque contribui para uma educação mais virada para a diversidade dos seres humanos e para a aceitação da diferença.
- Contribui para a formação da personalidade, incentivando a formação de pessoas livres, responsáveis, autónomas, solidárias ...
- Tem temáticas e conteúdos transversais a todas as disciplinas e trabalha valores e princípios universais.
- Porque transmite valores importantes, como a responsabilidade, o respeito pelo próximo, através de matérias leccionadas relacionadas com a religião e ético-moral.
- Pois transmite valores e conhecimentos
- valores transmitidos acompanhamento que a família descure por falta de tempo ajuda na consolidação dos conhecimentos e fé

2. Qual das dimensões pensa ter mais importância no ato educativo religioso e moral?

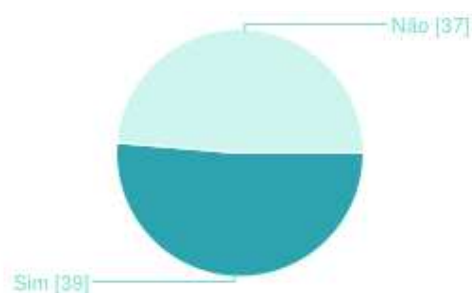


A formação académica/cultural	1	1%
A formação ética e moral	71	92%
A formação religiosa	3	4%

3. Tendo em atenção as dimensões académica/cultural, ético-moral e religiosa, em que aspectos pensa que se enquadra melhor o papel educativo da disciplina de EMRC?

Promover a melhoria das relações interpessoais	42	55%
Elucidar os jovens acerca de comportamentos que devem evitar	11	14%
Corrigir comportamentos desajustados	5	6%
Proporcionar uma reflexão sobre as motivações e consequências dos comportamentos	40	52%
Educar para a compreensão dos conceitos de liberdade e responsabilidade	58	75%
Ensinar aos jovens ações moralmente boas que devem praticar	17	22%
Formar os jovens para relacionamentos assentes na cooperação e solidariedade	54	70%
Formar os jovens para o respeito pela diferença	39	51%
Desenvolver nos jovens uma consciência crítica face aos seus comportamentos	42	55%
Ensinar os alunos a compreender o papel da religião na cultura	31	40%
Transmitir conteúdos catequéticos e doutrinários	5	6%
Reforçar as crenças dos jovens	5	6%
Ensinar aos alunos conceitos básicos de religião	7	9%
Ajudar o aluno a compreender e a dialogar com outras conceções religiosas e éticas	44	57%

4. Considera que a vertente confessional da disciplina interfere na sua componente pedagógica?



Sim	39	51%
Não	37	48%

Se respondeu sim, como se traduz essa influência?

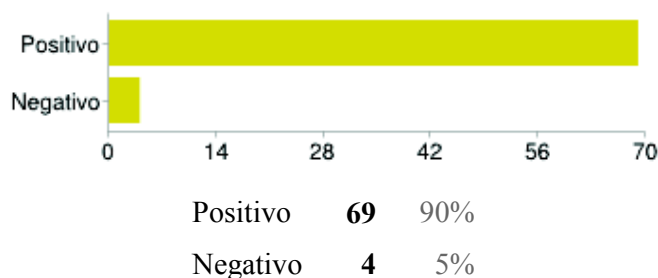
Por ser confessional convida a viver os valores que ensina	29	38%
Por ser confessional remete para conteúdos catequéticos	5	6%
Por ser confessional rotula os intervenientes no processo pedagógico	2	3%
Por ser confessional fornece elementos facilitadores do encontro entre a fé e a cultura	17	22%

Os temas tratados na disciplina [5. De acordo com a sua visão da disciplina de EMRC, classifique os aspectos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a escolha dos alunos.]

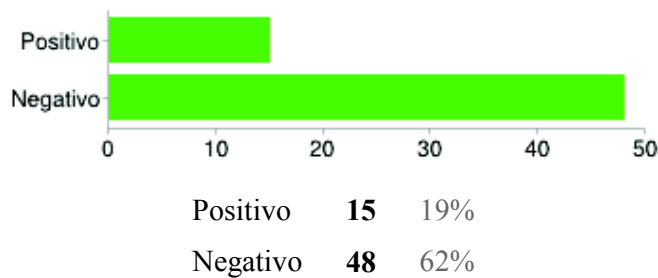


Positivo	64	83%
Negativo	7	9%

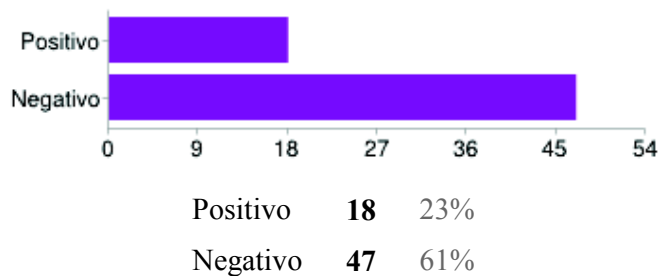
O tipo de atividades realizadas [5. De acordo com a sua visão da disciplina de EMRC, classifique os aspectos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a escolha dos alunos.]



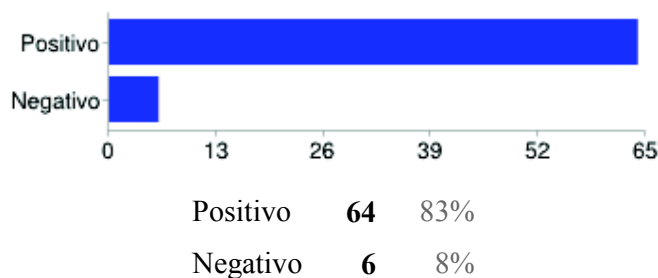
A designação da disciplina [5. De acordo com a sua visão da disciplina de EMRC, classifique os aspectos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a escolha dos alunos.]



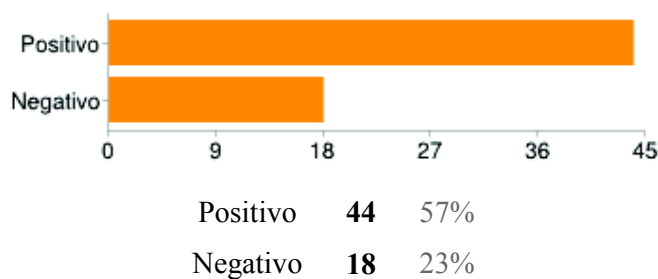
O horário [5. De acordo com a sua visão da disciplina de EMRC, classifique os aspectos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a escolha dos alunos.]



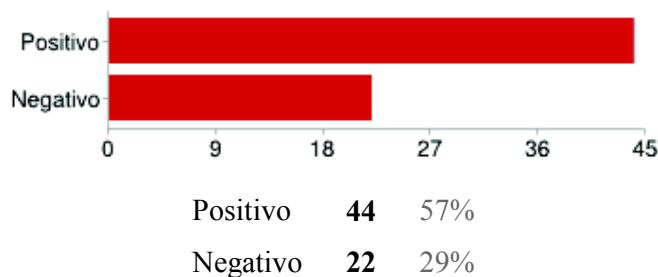
O perfil do professor [5. De acordo com a sua visão da disciplina de EMRC, classifique os aspectos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a escolha dos alunos.]



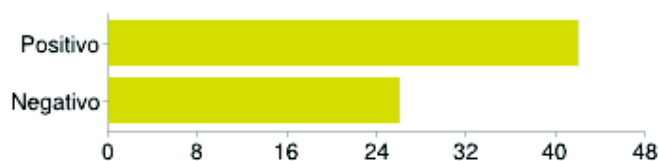
A decisão dos alunos [5. De acordo com a sua visão da disciplina de EMRC, classifique os aspectos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a escolha dos alunos.]



A decisão dos Encarregados de Educação [5. De acordo com a sua visão da disciplina de EMRC, classifique os aspectos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a escolha dos alunos.]

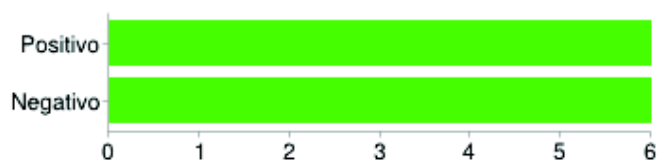


O grupo em que o jovem se insere [5. De acordo com a sua visão da disciplina de EMRC, classifique os aspectos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a escolha dos alunos.]



Positivo	42	55%
Negativo	26	34%

Outros [5. De acordo com a sua visão da disciplina de EMRC, classifique os aspectos que podem influenciar, positiva ou negativamente, a escolha dos alunos.]



Positivo	6	8%
Negativo	6	8%

Se respondeu "Outros", indique quais:

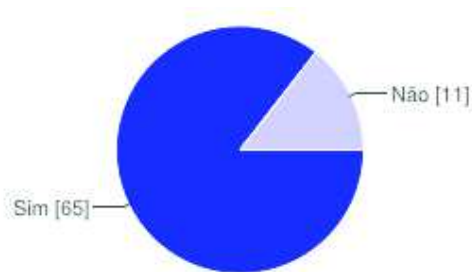
- Considero a pergunta algo ambígua uma vez que o mesmo aspeto- ex. o perfil do professor - pode ser considerado positivo ou negativo, depende dos casos)
- a família do aluno valorizar a frequência da disciplina

6. Nos casos em que se verifica uma fraca adesão à disciplina, que tipo de fatores considera mais relevantes?

Atividades pouco motivadoras	26	34%
Falta de interesse pelos temas da disciplina	18	23%
Perspetiva moralista	24	31%
Identificação da disciplina com a catequese	62	81%

O horário	38	49%
O Professor	19	25%
Outro	5	6%

7. Tem conhecimento dos temas/ assuntos abordados na disciplina?



Sim	65	84%
Não	11	14%

Se respondeu sim, como tomou conhecimento desses assuntos?

O professor fala desses temas com os colegas	42	55%
Porque tenho filhos, familiares ou amigos inscritos na disciplina	26	34%
Através dos alunos que se encontram inscritos	19	25%
Devido à participação nas atividades desenvolvidas pela disciplina	31	40%

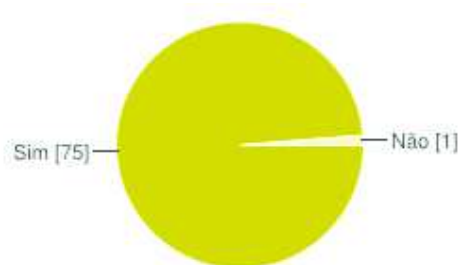
8. Dos temas que se seguem, retirados do programa dos 2.º e 3.º ciclos, assinale aqueles de que tomou conhecimento:

A pessoa humana e a sua dignidade	44	57%
Água – Fonte de vida	20	26%
Viver juntos/ promover a concórdia	25	32%
A Fraternidade	23	30%

Advento e Natal	42	55%
A Família – Comunidade de Amor	41	53%
O Pão de cada dia (viver com o essencial)	12	16%
Respeito pelos animais	11	14%
A diversidade religiosa: Religiões Abraâmicas/ Ecumenismo e confissões cristãs/Religiões Orientais	35	45%
As origens do universo	11	14%
Ecologia e valores	16	21%
A liberdade	37	48%
A paz universal	21	27%
Construção de um projeto de vida	23	30%
Adolescência e afetos	44	57%
O amor humano	31	40%

III - SOBRE A MISSÃO DO PROFESSOR DE EMRC

1. Considera o trabalho desenvolvido pelo professor de EMRC válido para a prossecução dos objetivos do Projeto Educativo?



Sim	75	97%
Não	1	1%

Justifique a sua resposta.

- Formação de cidadãos conscientes das suas escolhas presentes e futuras.
- Por estar inserido numa escola católica.
- Divulgação e participação
- Porque o professor desta disciplina realiza as tarefas que lhe são propostas para cumprir o que está definido e assim chegar aos objetivos do projeto educativo.
- O professor, através das diversas atividades desenvolvidas, promove o conhecimento do aluno em si mesmo e do outro perspectivando atitudes de respeito, solidariedade, cidadania e empreendedorismo numa vertente de crescimento pessoal, social e de ação educativa e formativa, tal como designado no P.E.
- Claro que sim, pois é através do professor que muito das dimensões do projeto educativo são transmitidos aos alunos.
- Por exemplo, a constante luta pelo fim do abandono escolar.
- O Projeto Educativo de qualquer escola procura sempre formar os seus alunos em todas as dimensões: académicas, sociais e humanas. Esta disciplina é, por excelência, promotora desses objetivos.
- Sem dúvida, pois é sempre um projeto assente em valores humanos.
- Na medida em que intervém no âmbito da formação para a cidadania.
- Os valores devem marcar uma sociedade. EMRC deve ser um porto seguro onde se deve falar sobre os valores básicos de um povo.
- Em geral, as atividades desenvolvidas pelo professor de EMRC e o departamento em que se insere, são pertinentes e influenciam positivamente a comunidade educativa e ajudam no cumprimento dos objetivos do Projeto Educativo.
- Através do seu exemplo e das atividades que propõe aos alunos, promove uma reflexão e um esclarecimento sobre questões essenciais ao crescimento e à formação integral do aluno.
- As atividades dinamizadas enquadram-se no Projeto Educativo da Escola - valores, cidadania, tolerância etc são alguns dos conteúdos expressos no PE e trabalhado pela disciplina de EMRC.
- Eu queria responder com objetivos concretos, mas no agrupamento ainda não está aprovado o Projeto Educativo para os próximos 4 anos.
- O envolvimento na vida da escola e as atividades que desenvolve enriquecem muito os objetivos do Projeto Educativo.
- Porque forma um cidadão, tal como outra disciplina de ciências sociais.
- Todos podem e devem contribuir na sua área.
- As atividades do projeto educativo incluem temas relacionados com esta disciplina.
- Adaptando os conteúdos da disciplina ao PE da Escola a probabilidade de os objetivos do mesmo serem atingidos é elevada.
- Porque as suas atividades estão articuladas com os objetivos do Projeto Educativo.
- É geralmente um agente empenhado na vida da escola. Desenvolve atividades que "mexem" com a escola.

- Os valores atitudinais presentes na formação integral do ser humano são avaliados em todas as disciplinas e em função dos ciclos, com maior ou menor peso. Ora, nesta disciplina estes mesmos valores ganham um peso acrescido e margem para serem discutidos e trabalhados.
- Se não seguir uma via moralista pode servir como uma base cultural/filosófica, muito importante para obrigar os jovens a pensar e a questionar o que os rodeia
- Enriquecimento e partilha de ideias.
- O professor de EMRC apresenta uma perspetiva sobre os alunos que, por vezes, é difícil aos outros docentes a terem. Parece-me a mim que, ao não estar "tão agarrado" aos programas e ter menos alunos na sala de aula, consegue estar mais próximo destes.
- Se o PE assenta na valorização moral, ética e no desenvolvimento intelectual do aluno, a resposta está dada.
- A falta de conhecimento das dinâmicas de aula, os seus objetivos, a relação prof/aluno... A falta de vivência por parte da Escola, assim como o fomentar (EMRC) da própria Escola.
- sim, uma vez que o projeto educativo assenta no desenvolvimento do aluno enquanto cidadão interventivo consciente das suas ações.
- Considero muito importante. Os temas e actividades em que os alunos participam ajudam-nos a tornarem-se cidadãos mais conscientes, mais solidários e mais responsáveis.
- é muito importante porque é transversal a todas as disciplinas
- O Projeto Educativo deve contemplar como objetivo último a formação integral do indivíduo - o aluno - para a cidadania, contemplando a sua plena e harmoniosa integração na sociedade.
- Nessa medida, o trabalho desenvolvido pelo professor de EMRC, ao acompanhar a interiorização dos valores e da ética, expressos no diálogo e nas ações do aluno, desempenha um papel relevante para que sejam atingidos os objetivos traçados.
- Um Projeto Educativo deverá ser integrador e abrangente o suficiente para promover um perfil de aluno abarcador de uma visão e saber alargados e não truncados à sua formação científica. Deverá ser conciliador de um aluno reflexivo, consciente e ética e moralmente capaz.
- Todos os temas trabalhados na disciplina fazem parte do Projeto Educativo da minha escola.
- A disciplina está envolvida nas atividades e dinâmicas da escola de acordo com o PE.
- Habitualmente é um serviço agregador e dinamizador do Projeto Educativo.
- Os objetivos do projeto educativo englobam alguns temas de disciplina.
- O PE tem um carácter essencialmente inclusivo de todos os alunos, apesar de serem muito diferentes. Deste modo, muitos dos temas tratados em EMRC, ajudam a compreender e a atingir os objetivos do PE.
- A disciplina de EMRC sempre fez parte do todo e onde sempre trabalhei ela fez/faz parte dos Objetivos do Projeto Educativo.
- Trabalhando numa escola com grande preocupação na formação de e em valores do Evangelho, a disciplina de EMRC desempenha um papel vital e crucial na concretização dos objetivos do próprio PE.

2. Tendo em atenção as dimensões académica/cultural, ético-moral e religiosa, em que aspetos pensa que se enquadra melhor o contributo do professor de EMRC?

Propõe dinâmicas que suscitam o exercício da reflexão e o amadurecimento das próprias convicções pessoais.	49	64%
Permite preparar o aluno para o exercício da liberdade religiosa, com conhecimento de causa.	30	39%
Favorece a educação integral numa relação de proximidade	36	47%
Favorece a educação humana dos alunos	50	65%
Colabora com as famílias na missão educativa	18	23%
Coopera nos objetivos educativos propostos pela escola e reforça a interdisciplinariedade	34	44%
Esclarece os alunos acerca da importância do fenómeno religioso	7	9%
Ajuda os alunos a desenvolver uma consciência crítica face aos seus comportamentos e influência na sociedade.	60	78%
Ensina os alunos a compreender o papel da religião na cultura	23	30%
Ajuda o aluno a compreender e a dialogar com outras conceções religiosas e éticas, características de uma sociedade plural e democrática.	35	45%
Ajuda o aluno a compreender o sentido último da realidade e da própria existência humana.	26	34%

3. O que pensa ser distintivo num professor de EMRC?

Um dinamizador das relações humanas	57	74%
Um exemplo de liberdade	5	6%
Um elemento da comunidade educativa auto-implicado em matéria religiosa (perspetiva vivencial) e que facilita a auto-implicação dos alunos.	26	34%
Um profissional que proporciona cultura religiosa	10	13%

Um educador da consciência moral da pessoa	26	34%
Um promotor da capacidade reflexiva dos alunos em matéria religiosa e ético-moral	58	75%
Não há nada de distintivo num professor de EMRC	3	4%

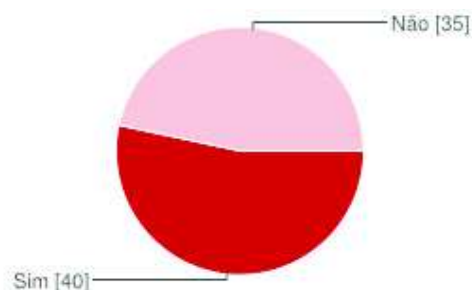
4. Qual das afirmações lhe parece mais ajustada à caracterização do perfil do professor de EMRC?

Um testemunho de fé, alegria e humanidade	29	38%
Uma pessoa crente	2	3%
Uma pessoa bem preparada cientificamente	2	3%
Uma pessoa com um elevado sentido de humanidade	18	23%
Uma pessoa especialmente atenta ao que se passa na comunidade educativa	14	18%
Um servidor da pessoa	0	0%
Uma pessoa que vive o que ensina	8	10%
Nenhuma das afirmações apresentadas é ajustada à caracterização do perfil do professor de EMRC	1	1%

5. Como considera ser a participação do professor de EMRC na vida da escola?

É alguém disponível para colaborar	46	60%
É alguém com pouca presença na escola	3	4%
É alguém dinâmico e ativo	44	57%
É um elemento facilitador na resolução de conflitos	18	23%
É alguém pouco aberto ao diálogo sobre temas fraturantes	2	3%

6. Considera que a vertente confessional da disciplina interfere no exercício profissional do professor?

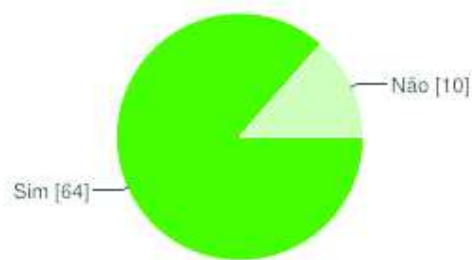


Sim	40	52%
Não	35	45%

Se respondeu sim, como se traduz essa influência?

Pelo facto de ser confessional faz do testemunho uma forma de pedagogia	21	27%
Pelo facto de ser confessional condiciona as práticas pedagógicas do professor	2	3%
Pelo facto de ser confessional o professor é confundido com o catequista	12	16%
Vincula o professor às posições oficiais a que respeita essa mesma confissão	7	9%
Exige-lhe preparação e atualização dos temas fraturantes que dizem respeito à sociedade	14	18%

7. Costuma dialogar com o professor de EMRC?



Sim **64** 83%

Não **10** 13%

Se respondeu sim, em que circunstâncias acontece esse diálogo?

Para planejar atividades conjuntas	38	49%
Para parcerias pedagógicas (preparação de conteúdos transversais)	32	42%
Para resolver questões disciplinares	9	12%
Para mediar situações de conflito	9	12%
Para estabelecimento de canais escola – família	9	12%
Para debater assuntos de matéria religiosa	17	22%
Para debater assuntos de cariz cultural	22	29%
Para partilhar assuntos de natureza pessoal	14	18%

8. Dos exemplos de trabalho interdisciplinar abaixo apresentados, escolha aqueles em que a disciplina se mostrou um contributo valioso para o Projeto de Turma/ Plano de Atividades/ Projeto Educativo.

Campanhas de solidariedade	54	70%
Visitas de estudo	36	47%
Desenvolvimento de Projetos	35	45%

Palestras/Colóquios/ Conferências	20	26%
Outros	7	9%

Se escolheu "Outros" diga qual ou quais.

- Celebrações da Palavra (de turma). Encontros em Fátima. Peregrinações.
- Preparação das Celebrações da Palavra de Turma
- Preparação da peregrinação de alunos a Fátima.
- Celebração da Palavra.
- Na melhoria do aluno enquanto pessoa, que é fundamental para a componente humana, académica e social que é transversal a todas as disciplinas.
- Enquanto Diretora de Turma, estabelecendo estratégias que visem a promoção do crescimento do aluno enquanto cidadão.
- Possibilidade de participar em projetos dinamizados pela professora de EMRC

Respostas ao Questionário - questões abertas

Respostas sobre o Contributo da Disciplina (RCD)

RCD1.1 - Complementa a formação dos alunos, proporcionando-lhes uma dimensão no domínio da religião e da ética não proporcionado por outra qualquer disciplina.

RCD1.2 - Fomenta a aquisição de valores morais e humanos cada vez menos transmitidos pelas famílias.

RCD1.3 - Promove o desenvolvimento pessoal, cultural, social e religioso.

RCD1.4 - Pode dar valores que os pais dos alunos não lhes dão.

RCD1.5 - É dever de qualquer professor incutir valores nos seus alunos e tentar fazer deles cidadãos honestos e responsáveis. Os professores de Moral são sempre os primeiros a interagir com os outros professores com rumo a este objetivo comum.

RCD1.6 - Oportunidade de refletir sobre questões morais; Aprofundar a contribuição das diferentes religiões para o Homem e a sociedade; Aproximar os jovens da Igreja.

RCD1.7 - Conhecimento das religiões; Conhecimento do catolicismo; Transmissão de valores; Conhecimento da importância da Vida e da saúde; Conhecimento da importância da relação com o outro.

RCD1.8 - Porque é uma disciplina onde se podem tratar diferentes temáticas que preenchem muitos dos espaços vazios deixados quer pela educação que trazem de casa (em muitos casos), quer pelas aprendizagens realizadas noutras disciplinas

RCD1.9 - A disciplina é necessária para a formação completa do aluno enquanto cidadão e pessoa.

RCD1.10 - Os valores transmitidos são fundamentais para a formação dos alunos.

RCD1.11 - Na medida em que intervém no âmbito da formação para a cidadania.

RCD1.12 - Porque desenvolve competências ao nível do relacionamento com os outros, o partilhar, o respeitar as diferenças, para além de conhecimentos acerca de outros inúmeros assuntos (exº: história de religiões, tipos de religiões existentes, etc)

RCD1.13 - O externato tem como carisma uma larga componente religiosa. Assim EMRC é fundamental para um crescimento pleno de cada aluno.

RCD1.14 - A disciplina é a única que, no corrente tecido curricular, advoga a aprendizagem e aplicação de princípios e valores de índole humanista, além de dar a conhecer vários aspetos associados à religião católica, à história da humanidade, ao ecumenismo e ao papel de cada um numa sociedade mais justa e equilibrada.

RCD1.15 - A formação pessoal é o pilar do ser humano e para tal esta disciplina que permite incutir e consolidar valores morais e espirituais torna-se uma mais valia.

RCD1.16 - Reflexão sobre valores universais e abertura ao ecumenismo.

RCD1.17 - É uma vertente da formação dos alunos que importa trabalhar, tendo em conta os "tempos atuais" em que a família tem tido menos tempo para transmitir valores corretos às crianças e jovens.

RCD1.18 - Pelos temas que encerra. Como a sua formação pessoal e religiosa que são fundamentais para o seu futuro enquanto pessoa. Valores que hoje em dia os EE não tem a oportunidade de passar, como o cuidado a ter com os outros, a tolerância, a solidariedade,

RCD1.19 - Permite refletir sobre questões essenciais para o crescimento integral do jovem.

RCD.1.20 - Para uma educação plena e integral.

RCD1.21 - Fornece valores essenciais ao desenvolvimento dos alunos enquanto pessoas.

RCD1.22 - Acho que é muito importante. Permite desenvolver competências pessoais e sociais muito importantes para o seu papel como indivíduos na sociedade.

RCD1.23 - A formação integral dos alunos é fundamental e a disciplina de EMRC é fundamental nesta área.

RCD1.24 - Porque possibilita o desenvolvimento de valores e atitudes de cidadania, fomentando questões de natureza ética.

RCD1.25 - Aprendem a relacionar-se e a respeitar-se a si e aos outros, aprendem e consolidam valores e comportamentos.

RCD1.26 - É uma disciplina onde se aprende os valores da convivência e do respeito pelo outro

RCD1.27 - Porque aborda a dimensão ética e moral além da religiosa.

RCD1.28 - É um contributo válido no saber Ser e saber Estar.

RCD1.29 - Na escola é importante que haja um espaço e um momento para a reflexão do que é ser pessoa na sociedade, do que é estar com os outros, um momento onde os alunos possam exprimir e partilhar as suas opiniões e sentimentos.

RCD1.30 - a disciplina de EMRC faz parte da formação pessoal de um indivíduo

RCD1.31 – Crescimento pessoal e espiritual.

RCD1.32 - Porque transmitem competências que outras disciplinas nunca o poderão transmitir. O Apelo á interioridade, à experiência de encontro pessoal consigo, com o outro e com o transcendente.

RCD1.33 - É uma disciplina essencial para ajudar os alunos a compreender a importância da formação ética e moral do ser humano.

RCD1.34 - Formação pessoal, social, espiritual, espírito crítico.

RCD1.35 - Informação sobre o contexto cultural em que nos situamos Formação pessoal

RCD1.36 - A educação Moral e Religiosa Católica é muito importante na transmissão de valores.

RCD1.37 - Porque é sem dúvida uma ajuda eficaz num tempo de gritante falta de valores.

RCD1.38 - A abordagem de temas que fazem parte da organização pessoal e social ético-morais contribuem decisivo para a interiorização de valores, normas e a necessidade da sua concretização.

RCD1.39 - A nível cultural, argumentativo, social e ético.

RCD1.40 - De acordo com o programa da disciplina, os alunos poderão usufruir de uma educação integral, em todas as dimensões da pessoa.

RCD1.41 - Porque transmite e reforça valores que ajudam os alunos a serem melhores cidadãos. importante no desenvolvimento de competências de âmbito pessoal

RCD1.42 - Porque transmite valores e hoje em dia não se verifica muito essa transmissão por parte dos pais

RCD1.33 - hoje é mais que importante que a juventude escute e discuta a ética e a moral nos diversos âmbitos do seu viver.

RCD1.44 – Deve fazer parte da formação global do aluno. A nossa cultura é de matriz judaico-cristã, mesmo os que não professam qualquer religião.

RCD1.45 - A formação integral de qualquer aluno é um dos pilares básicos no seu processo de identificação e crescimento pessoal.

RCD1.46 - Ter um espaço onde se falem de princípios morais, família, amizade, adolescência, entre outros temas, ainda que sob um ponto de vista religioso, parece-me contribuir para a formação de cidadãos com princípios. Deve fazer parte da formação global do aluno. A nossa cultura é de matriz judaico cristã, mesmo os que não professam qualquer religião.

RCD1.47 - Na medida em que complementa a visão do mundo que é desenvolvida noutras disciplinas.

RCD1.48 - O Homem é também espírito, e precisa de uma educação Moral desde a infância.

RCD1.49 - Pelos valores que transmite, pela importância vital que atribui à família, pela construção de um indivíduo feliz.

RCD1.50 - Sim, claro, principalmente em termos de cidadania.

RCD1.51 - Pode permitir uma visão do mundo à luz da fé cristã; permite uma aferição do comportamento à luz de valores essenciais.

RCD1.52 - Esta disciplina é fundamental para que os alunos possam ter um espaço onde possam ter "liberdade" de expressar os seus sentimentos, angústias, medos, desejos, etc.... É AQUELA aula especial, onde os alunos podem ser eles próprios. Pode permitir uma visão do mundo à luz da fé cristã; Permite uma aferição do comportamento à luz de valores essenciais.

RCD1.53 - Porque contribui para uma educação mais virada para a diversidade dos seres humanos e para a aceitação da diferença.

RCD1.54 - Contribui para a formação da personalidade, incentivando a formação de pessoas livres, responsáveis, autónomas, solidárias.

RCD1.55 - Tem temáticas e conteúdos transversais a todas as disciplinas e trabalha valores e princípios universais.

RCD1.56 - Porque transmite valores importantes, como a responsabilidade, o respeito pelo próximo, através de matérias leccionadas relacionadas com a religião e ético-moral.

RCD1.57 - Pois transmite valores e conhecimentos.

RCD1.58 - valores transmitidos, acompanhamento que a família descursa por falta de tempo, ajuda na consolidação dos conhecimentos e fé.

Respostas sobre o contributo do professor (RCP)

RCP1.1 - Formação de cidadãos conscientes das suas escolhas presentes e futuras.

RCP1.2 - Por estar inserido numa escola católica.

RCP1.3 - Divulgação e participação

RCP1.4 - Porque o professor desta disciplina realiza as tarefas que lhe são propostas para cumprir o que está definido e assim chegar aos objetivos do projeto educativo.

RCP1.5 - O professor, através das diversas atividades desenvolvidas, promove o conhecimento do aluno em si mesmo e do outro perspetivando atitudes de respeito, solidariedade, cidadania e empreendedorismo numa vertente de crescimento pessoal, social e de ação educativa e formativa, tal como designado no P.E.

RCP1.6 - Claro que sim, pois é através do professor que muito das dimensões do projecto educativo são transmitidos aos alunos.

RCP1.7 - Por exemplo, a constante luta pelo fim do abandono escolar.

RCP1.8 - O Projeto Educativo de qualquer escola procura sempre formar os seus alunos em todas dimensões: académicas, sociais e humanas. Esta disciplina é, por excelência, promotora desses objetivos.

RCP1.9 - Sem dúvida, pois é sempre um projeto assente em valores humanos.

RCP1.10 - Na medida em que intervém no âmbito da formação para a cidadania.

RCP1.11 - Os valores devem marcar uma sociedade. EMRC deve ser um porto seguro onde se deve falar sobre os valores básicos de um povo.

RCP1.12 - Em geral, as atividades desenvolvidas pelo professor de EMRC e o departamento em que se insere, são pertinentes e influenciam positivamente a comunidade educativa e ajudam no cumprimento dos objetivos do Projeto Educativo. RCP1.13 - Através do seu exemplo e das atividades que propõe aos alunos, promove uma reflexão e um esclarecimento sobre questões essenciais ao crescimento e à formação integral do aluno.

RCP1.14 - As atividades dinamizadas enquadram-se no Projeto Educativo da Escola - valores, cidadania, tolerância etc são alguns dos conteúdos expressos no PE e trabalhado pela disciplina de EMRC.

RCP1.15 - Eu queria responder com objetivos concretos, mas no agrupamento ainda não está aprovado o Projeto Educativo para os próximos 4 anos.

RCP1.16 - O envolvimento na vida da escola e as atividades que desenvolve enriquecem muito os objetivos do Projeto Educativo.

RCP1.17 - Porque forma um cidadão, tal como outra disciplina de ciências sociais. RCP1.18 - Todos podem e devem contribuir na sua área.

RCP1.19 - As atividades do projeto educativo incluem temas relacionados com esta disciplina.

RCP1.20 - Adaptando os conteúdos da disciplina ao PE da Escola a probabilidade de os objetivos do mesmo serem atingidos é elevada.

RCP1.21 - Porque as suas atividades estão articuladas com os objetivos do Projeto Educativo.

RCP1.22 – É geralmente um agente empenhado na vida da escola. Desenvolve actividades que “mexem” com a escola.

RCP1.23 - Os valores atitudinais presentes na formação integral do ser humano são avaliados em todas as disciplinas e em função dos ciclos, com maior ou menor peso. Ora, nesta disciplina estes mesmos valores ganham um peso acrescido e margem para serem discutidos e trabalhados. Se não seguir uma via moralista pode servir como uma base cultural/filosófica, muito importante para obrigar os jovens a pensar e a questionar o que os rodeia.

RCP1.24 - Enriquecimento e partilha de ideias.

RCP1.25 - O professor de EMRC apresenta uma perspetiva sobre os alunos que, por vezes, é difícil aos outros docentes a terem. Parece-me a mim que, ao não estar "tão agarrado" aos programas e ter menos alunos na sala de aula, consegue estar mais próximo destes.

RCP1.26 - Se o PE assenta na valorização moral, ética e no desenvolvimento intelectual do aluno, a resposta está dada. sim, uma vez que o projeto educativo assenta no desenvolvimento do aluno enquanto cidadão interventivo consciente das suas ações. RCP1.27 - A falta de conhecimento das dinâmicas de aula, os seus objetivos, a relação prof/aluno. A falta de vivência por parte da Escola, assim como o fomentar (EMRC) da própria Escola.

RCP1.28 – Sim, uma vez que o Projeto Educativo assenta no desenvolvimento do aluno enquanto cidadão interventivo consciente das suas ações.

RCP1.29 - Considero muito importante. Os temas e actividades em que os alunos participam ajudam-nos a tornarem-se cidadãos mais conscientes, mais solidários e mais responsáveis.

RCP1.30 - É muito importante porque é transversal a todas as disciplinas.

RCP1.31 – O Projeto Educativo deve contemplar como objetivo último a formação integral do indivíduo - o aluno - para a cidadania, contemplando a sua plena e harmoniosa integração na sociedade.

RCP1.32 - Nessa medida, o trabalho desenvolvido pelo professor de EMRC, ao acompanhar a interiorização dos valores e da ética, expressos no diálogo e nas ações do aluno, desempenha um papel relevante para que sejam atingidos os objetivos traçados. RCP1.33 - Um Projeto Educativo deverá ser integrador e abrangente o suficiente para promover um perfil de aluno abarcador de uma visão e saber alargados e não truncados à sua formação científica.

RCP1.34 - Deverá ser conciliador de um aluno reflexivo, consciente e ética e moralmente capaz.

RCP1.35 - Todos os temas trabalhados na disciplina fazem parte do Projeto Educativo da minha escola.

RCP1.36 - A disciplina está envolvida nas atividades e dinâmicas da escola de acordo com o PE.

RCP1.37 - Habitualmente é um serviço agregador e dinamizador do Projeto Educativo.

RCP1.38 - Os objetivos do projeto educativo englobam alguns temas de disciplina.

RCP1.39 - O PE tem um caráter essencialmente inclusivo de todos os alunos, apesar de serem muito diferentes. Deste modo, muitos dos temas tratados em EMRC, ajudam a compreender e a atingir os objetivos do PE.

RCP1.40 - A disciplina de EMRC sempre fez parte do todo e onde sempre trabalhei ela fez/faz parte dos Objetivos do Projeto Educativo.

RCP1.41 - Trabalhando numa escola com grande preocupação na formação de e em valores do Evangelho, a disciplina de EMRC desempenha um papel vital e crucial na concretização dos objetivos do próprio PE.

Respostas sobre outras formas de Trabalho Interdisciplinar

RCP8.1 - Celebrações da Palavra (de turma). Encontros em Fátima. Peregrinações.

RCP8.2 - Preparação das Celebrações da Palavra de Turma.

RCP8.3 - Preparação da peregrinação de alunos a Fátima.

RCP8.4 - Celebração da Palavra.

RCP8.5 - Na melhoria do aluno enquanto pessoa, que é fundamental para a componente humana, académica e social que é transversal a todas as disciplinas.

RCP8.6 - Enquanto Diretora de Turma, estabelecendo estratégias que visem a promoção do crescimento do aluno enquanto cidadão.

RCP8.7 - Possibilidade de participar em projetos dinamizados pelo docente de EMRC.